



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**MEIN ETHIK!  
A QUESTÃO ÉTICA NA REPUBLICAÇÃO DA OBRA DE HITLER NO BRASIL**

Marina Geiger dos Santos

Rio de Janeiro/RJ

2018

**MEIN ETHIK!**  
**A QUESTÃO ÉTICA NA REPUBLICAÇÃO DA OBRA DE HITLER NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à Escola de Comunicação de Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Produção Editorial.

Orientador: Marcio Tavares D'Amaral  
Co-orientadora: Janine Figueiredo de Souza Justen

Rio de Janeiro/RJ

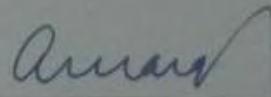
2018

MEIN ETHIK! A QUESTÃO ÉTICA NA REPUBLICAÇÃO DA OBRA DE HITLER NO BRASIL

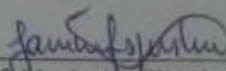
Marina Geiger dos Santos

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Produção Editorial.

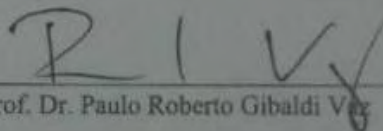
\* Aprovado por



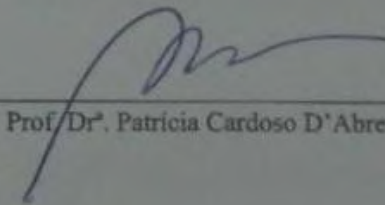
Prof. Dr. Márcio Tavares D'Amaral



Prof. Ms. Janine Figueiredo de Souza Justen



Prof. Dr. Paulo Roberto Gibaldi Vaz



Prof. Dr. Patrícia Cardoso D'Abreu

Aprovada em: 25/06/2018

Grau: 10,0

Rio de Janeiro/RJ

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G312 Geiger, Marina dos Santos.  
Mein Ethik! a questão ética na republicação da obra de Hitler no Brasil / Marina dos Santos Geiger. - 2018.  
52 f.: il.

Orientador: Marcio Tavares D'Amaral.  
Coorientadora: Janine Figueiredo de Souza Justen.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Habilitação Produção editorial, Rio de Janeiro, 2018.

1. Hitler, Adolf, 1889-1945 – Crítica e interpretação. 2. Nazismo. 3. Alemanha – Política e governo – Séc. XX. 4. Hitler, Adolph, 1889-1945. Minha luta. I. D'Amaral, Marcio Tavares. II. Justen, Janine Figueiredo de Souza. III. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação.

CDD: 070.5

Elaborada por: Adriana Almeida Campos, CRB-7/4081

GEIGER, Marina dos Santos. **Mein Ethik! A Questão Ética na Republicação da obra de Hitler no Brasil**. Orientador: Marcio Tavares d'Amaral | Co-orientadora: Janine Figueiredo de Souza Justen. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Produção Editorial.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo questionar e refletir sobre a republicação do livro "Minha Luta", de Adolf Hitler. Partindo da definição de ética elaborada por Aristóteles e da definição de Moral de Nietzsche, é possível que se façam questionamentos em torno dessa publicação: sendo o segundo país com mais adeptos do neonazismo e tendo uma população miscigenada e diversa, é ética a republicação desse livro no Brasil? Até que ponto é censura limitar o acesso a um documento histórico? Levando em consideração o contexto histórico e sociopolítico do Brasil, onde alguns Estados proibiram a republicação do livro, se baseando no argumento de que o livro incitaria o ódio, esta monografia pretende analisar como o conceito de ética se molda e a moral é, também, flexível. A partir da análise de dados históricos e do contexto sociopolítico da época, procura-se entender como o nazismo aconteceu na Alemanha e em que medida ele pode acontecer - ou já acontece - por aqui.

Palavras-chave: nazismo, ética, republicação, Minha Luta

*Agradeço aos Orixás pela vida, por sua bondade e amor.  
Agradeço aos meus protetores: sem vocês, eu não seria eu. Agradeço pelos melhores conselhos do mundo, pelo colo quando necessário e pela confiança sempre.*

*Agradeço ao meu pai pela dureza e constância no afeto, minha mãe pelo carinho e amor de sempre. Nada seria possível sem vocês. Obrigada por serem sempre meu maior referencial de força, amor, fé e determinação.*

*Aos meus amigos pela paciência, tolerância, afeto, pelo maior apoio moral que eu poderia querer e por me suportar falando de monografia toda madrugada.*

*Agradeço com especial carinho à minha esposa, que me incentiva, me faz crescer e nunca deixou de acreditar em mim.  
Te amo demais. Conseguimos, amor.*

*Agradeço ao meu orientador Márcio D'Amaral e à minha coorientadora Janine Justen, pela paciência durante este longo processo, por serem grandes inspirações em inteligência e determinação, mostrando sempre que a gentileza não precisa estar excluída de nenhum espaço. Obrigada.*

*"It's the same for all things.  
Everything that's beautiful is also tainted.  
And whatever's horrible also has its bright side.  
Nothing's black and white.  
There's always a bit of grey in everything."*

*(A German Life. 2016, 107 min.)*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 MEIN KAMPF – A LUTA DE ADOLF HITLER</b> .....	12
<b>3 A BANALIDADE DO MAL</b> .....	22
3.1 A ÉTICA .....	23
3.1.1 APONTAMENTOS ÉTICOS .....	25
3.2 A MORAL .....	26
3.2.1 APONTAMENTOS MORAIS .....	29
3.3 O MAL .....	30
3.3.1 APONTAMENTOS SOBRE O MAL .....	32
<b>4 WIR HAB: A DIFICULDADE DE TOLERAR</b> .....	33
4.1 A REPUBLICAÇÃO DE MEIN KAMPF .....	33
4.2 O ÓDIO NAS REDES .....	35
4.3 A ONDA CONSERVADORA .....	40
4.4 A INSURGÊNCIA DA DIREITA .....	41
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	46
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	49



## 1 INTRODUÇÃO

Se existisse um ranking de todas as atividades humanas, possivelmente a mais horrível seria a guerra. As proporções que ela toma são sempre destrutivas e ferem princípios básicos de humanidade. Uma guerra de proporções mundiais existiu por pelo menos duas vezes em toda história humana conhecida, e foi numa dessas duas guerras que aconteceu um dos episódios mais terríveis de toda humanidade, encabeçado por um séquito de fanáticos baseados em ideais execráveis: o Holocausto nazista. O líder desse movimento, Adolf Hitler, tinha suas ideias bem formadas e expostas num único livro, publicado em dois volumes, que primeiramente se chamou *Quatro Anos e Meio de Lutas Contra Mentiras, Estupidez e Covardia* mas teve o título alterado por seu editor e passou a se chamar *Minha Luta*<sup>1</sup> (JORGE, 2012). O primeiro volume do livro é de caráter essencialmente autobiográfico; é no segundo volume que ele expõe suas ideias e seus ideais políticos.

O livro foi proibido e abominado após a morte de seu autor, apesar de disponível a quem quisesse realmente encontrá-lo<sup>2</sup>. Sua disponibilidade em outros países além da Alemanha e sua entrada na grande rede, após o advento e consolidação da internet, tornaram-no facilmente compartilhável e amplamente conhecido. É sensato destacar que a forma como o livro era lido foi mudando de tempos em tempos, não sendo possível deduzir ou entender como isso aconteceu além de algumas especulações pouco precisas. O que se sabe é que além de ser usado por pesquisadores e intelectuais para analisar o momento com alguma distância histórica, o livro também foi lido por curiosos de todas as faixas etárias e também por grupos neonazistas.

Aristóteles, um dos pensadores usados neste trabalho, nos diz que o fim de toda ação é o bem e que o sumo bem, ou seja, aquilo que todos buscamos, é a felicidade (ARISTÓTELES, 2012). Felicidade é, como a Ética, um conceito difícil de ser contemplado além de essencialmente subjetivo. Os motivos de Adolf Hitler para responsabilizar-se pessoalmente pela morte de mais de 10 milhões de pessoas eram perfeitamente justificáveis para si.

Segundo ele, por exemplo, a raça humana teria seu elemento puro (a raça ariana) e seus elementos impuros (entre os muitos exemplos estão, de forma bastante acentuada, os judeus) - a mistura dos dois resultaria em híbridos que enfraqueceriam a raça humana como

---

<sup>1</sup> Seu editor, Max Amaan, depois responsável pelas publicações nazistas, achou o título mais vendável. (JORGE, 2012)

<sup>2</sup> Para este trabalho, utilizaremos uma edição de 1983, publicado pela Editora Moraes, de São Paulo.

um todo. Logo, a raça pura não deveria se misturar, apesar de ser capaz de se sacrificar pelo bem dos impuros (HITLER, 1983). Além de contraditória, a essa justificativa de racismo seguia-se a constatação da obviedade desta informação: só um débil, e por isso um fraco, não conseguiria enxergar isso (*idem, ibidem*).

Friedrich Nietzsche também me ajuda no questionamento dos motivos de Hitler. Ele investiga em sua “Genealogia da Moral” o que é bom e mau e como isso é uma prisão para o homem, que luta contra os próprios desejos visando não se arrepender aos olhos do outro (NIETZSCHE, 1999). O conceito de moral, destruído e repensado por Nietzsche após 24 séculos de certeza aristotélica, nos serve de base para colocar em conflito duas correntes de pensamento essencialmente distintas.

Para analisar o conceito de mal, optei por Hannah Arendt. Em seu livro *Eichmann em Jerusalém*, publicado nos anos 1960 onde ela relata o julgamento de um ex-burocrata nazista, a filósofa nos apresenta o conceito de “banalidade do mal” (ARENDR, 1999). Além de ser um conceito e uma autora contemporâneos ao meu objeto de pesquisa, servem como uma luva para que se reflita sobre a ausência de consciência do homem comum. Por não refletir sobre a realidade ao seu redor, não exercitar o pensamento crítico, o homem acaba se tornando vil (ARENDR, 1999).

No Brasil, com 150 mil membros ativos do movimento neonazista (DIAS, 2008), isso suscita, no mínimo, algumas perguntas que estão aqui expostas. Embora não se limitem a elas, surgem questões como estas: será ético publicar este livro no Brasil neste momento específico de nossa história? Até onde vai a liberdade de expressão e a disseminação das ideias livres em detrimento da cautela com o discurso de ódio? Como se pode combater as possíveis consequências advindas desse tipo de publicação? O que é e como lidar com o discurso de ódio? É preciso criminalizá-lo ou ele pode ser mais uma dentre as plurais expressões da nossa sociedade?

Essas perguntas não possuem respostas claras e precisas, não se pode aplicar os princípios da matemática aqui. Este trabalho almeja explicitá-las, apenas, como um convite à reflexão.

No primeiro capítulo, trato de apresentar a história pessoal do autor de *Mein Kampf*, Adolf Hitler. Conhecê-lo de forma um pouco mais profunda, seus ideais e sua forma de vida, bem como lugares em que viveu e que tipo de informações levou em consideração na hora de formar suas opiniões. Tudo isso engrandeceu seu livro, que é em parte autobiográfico, e teve também grande participação em suas ideias. Por meio de sua história

sabemos, por exemplo, que tinha sonhos de se tornar um artista e foi num lar de judeus que encontrou sua primeira acolhida após os difíceis momentos que se seguiram à morte de sua mãe (KERSHAW, 2010). Conto sua história até o Grande *Putsch*, o golpe que conferiu a ele o rótulo de mártir e fez com que ganhasse rosto e voz perante a sociedade alemã. Com sua ascensão ao poder podemos notar certas similaridades com a sociedade brasileira atual, com a qual traçaremos um paralelo em outro momento do trabalho.

No segundo capítulo apresento os teóricos escolhidos para embasar minha análise. Aristóteles, Friedrich Nietzsche e Hannah Arendt, apesar de muito diferentes, conversam entre si enquanto apresento apontamentos sobre os conceitos estudados. Embora estejamos falando de realidades muito diferentes, nas comunidades e favelas do Brasil, assim como durante a IIGM, o mal foi banalizado. O banal, nos lembra Arendt, não pressupõe a inocência de quem pratica o mal nem quer dizer que, por ser banal, o mal é comum. O banal toma o lugar o comum indevidamente. Ele só se sustenta pelo sujeito e sua incapacidade de pensar, descrita por Arendt como a incapacidade de perceber e refletir sobre as “exigências da realidade” (ARENDR, 1999).

Desse modo, vemos que encarcerar, escravizar e matar mais de 10 milhões de pessoas foi visto como algo necessário para a criação de uma raça pura, a quem caberia tudo o que é bom, belo e justo. A raça ariana serviu também de base numa gama de motivos pelos quais os judeus eram odiados naquela época - não eram considerados uma raça pura (HITLER, 1983). Também eram odiados negros, homossexuais, ciganos e outras minorias - todas as pessoas que saíssem do ideal ariano eram impuras e, portanto, não merecedoras de viver pois não se podia pôr em risco a grandeza ariana (*idem, ibidem*).

Guardadas as devidas proporções, esse é o pensamento de parte de uma elite raivosa na sociedade brasileira. Em um segundo momento, ainda dentro do capítulo, proponho uma reflexão acerca do poder e do mal, destacando sempre o dilema ético da questão.

O terceiro capítulo, denominado “*Wir Haß - A Dificuldade de Tolerar*” nos conduz aos dias atuais, à sociedade brasileira e propõe um olhar ao que aconteceu no final do primeiro mandato de Dilma Rousseff, em 2013, até seu impedimento, oficializado no meio de seu segundo mandato, em 2016. Tento capturar todo o clima de instabilidade, medo e incerteza da época. Após seu impedimento, o Brasil passou por maus bocados que, ainda que bem maquiados por uma imprensa acrítica, ainda assim são muito aparentes.

Cito muitas notícias de jornal, artigos e reportagens contemporâneas para que possamos olhar detidamente para a repercussão causada pelo livro e, principalmente, para o

ódio que nos cerca, além de entender um pouco mais sobre a repercussão negativa que o livro poderia causar - e aí mesmo está a base de todo problema ético.

O nome do capítulo engloba todos os seus subtítulos: Nosso ódio. É sobre ele que quero pensar e é dele que, conluo, nosso povo vem se alimentando. Sedento por uma mudança, qualquer mudança, o povo brasileiro se mostra afobado, repetindo os mesmos erros que já cometeu.

Minha relação com esse tema é simples: não há como não se chocar com os horrores praticados durante o Holocausto, e, enquanto estudante de Produção Editorial, é sempre impressionante para mim observar o impacto e repercussão que uma publicação pode ter em nações inteiras, podendo salvar, controlar, escravizar, empoderar ou matar milhões de pessoas. Meu objetivo é propor uma reflexão acerca do tema e entender esse dilema ético em pelo menos uma de suas inúmeras e complexas facetas.

## 2. MEIN KAMPF – A LUTA DE ADOLF HITLER

Mein Kampf não é um livro de todo verdadeiro. Não que seja errado que exista a ficção numa autobiografia - a própria definição da palavra diz se tratar de uma “biografia de alguém contada ou escrita por ele mesmo, em forma de memória, ou narrativa, ou romance”<sup>3</sup>. Na obra em questão, Hitler se coloca como um indivíduo diferente do que realmente foi segundo seus inúmeros biógrafos. Lugares em que residiu, experiências que acumulou em sua trajetória e convicções foram editados e formatados a fim de parecer mais com o Führer do Terceiro Reich e menos com a figura pouco impressionante que realmente fora (KERSHAW, 2010). Menos medíocre, com certeza, e talvez uma versão de si mesmo que gostaria de ter sido até o momento da publicação do livro.

Adolf Hitler nasceu em Braunau am Inn, uma pequena cidade situada quase na fronteira entre Áustria e Alemanha. Seu pai foi funcionário público e fiel cumpridor dos seus deveres e sua mãe, totalmente dedicada aos cuidados da família. Suas pretensões futuras para a vida não se aproximavam das de seu pai, com quem mantinha uma relação difícil (JORGE, 2012), e desde muito cedo sua retórica se aperfeiçoava em debates informais com colegas. Já muito jovem fora o líder e incentivador de motins estudantis, sempre com temperamento forte<sup>4</sup>.

Foi na biblioteca de seu pai que teve acesso a inúmeros livros com temáticas militares que, segundo ele, tornaram-se sua leitura favorita. A partir daí, passou a se fascinar cada dia mais por tudo que, de alguma maneira, tivesse relação com guerras ou com a vivência do militarismo. Continuou com o fascínio, mas enveredou por outra área, sonhando em ser pintor. As artes sempre o encantaram (KERSHAW, 2010).

Aos treze anos Hitler perdeu seu pai de maneira repentina, vítima de um ataque apoplético, o que abalou profundamente a família. Sua mãe sentiu-se na obrigação de, conforme a vontade de seu pai, continuar provendo sua educação. Adolf, no entanto, estava ainda mais determinado do que antes a não ser um burocrata. Inesperadamente, uma doença pulmonar o acometeu e fez com que ele parasse de frequentar a escola por pelo menos um ano. Sua mãe morreu dois anos depois. Apesar de todo sofrimento oriundo da perda de sua mãe e todas as privações que teve que submeter no decorrer dos anos, continuou seu caminho obstinado pelo sonho, agora de se tornar um arquiteto.

---

<sup>3</sup> DICIONÁRIO HOAUISS, 2018

<sup>4</sup> Seu temperamento é descrito como forte. Diz-se de Hitler uma criança geniosa, um jovem com opiniões fortes e cheio de sonhos e um adulto com discursos acalorados (KERSHAW, 2010)

Todas as dificuldades não o afastaram da leitura e logo o interesse por questões sociais foi recobrando seu espaço. Em 1910, sua situação teve alguma melhora, pois não mais necessitava batalhar pelo pão de cada dia. Nessa época, ele já trabalhava por conta própria como desenhista e aquarelista, ainda ganhando somente o necessário para sobreviver. Angariou fama de obcecado e desequilibrado por sua paixão exagerada a tudo que se relacionava a política. Nas discussões se alterava muito rápido, gesticulava, batia os pés no chão e ruborizava. Era conhecido por seu gênio difícil e pavio curto (KERSHAW, 2010).

Apesar de todo seu interesse por política crescer a cada dia, Hitler até então não teve interesse em ingressar publicamente nessa profissão, somente em círculos restritos ele falava de suas opiniões embasadas numa literatura impregnada de ideais fortes, aperfeiçoando o dom da retórica enquanto dizia em voz alta seus pensamentos acerca da Alemanha da época. A única coisa que atraía sua atenção, além de sua profissão, era ler a respeito dos acontecimentos políticos cotidianos, principalmente os relacionados à política externa. Ele não conseguia entender como em Viena, com todo seu tamanho, o governante da época se enganava com a prática da política que vinha exercendo. Antes ainda de completar seus 20 anos, ele adentrou o magnífico palácio de Franzensring, para assistir, uma sessão da Câmara dos Deputados. Conforme suas próprias palavras: “senti-me possuído dos mais desconhecidos sentimentos” (HITLER, 1983).

Existem relatos afirmando que Hitler odiara o Parlamento, porém não a instituição exatamente, pois como um indivíduo que se dizia liberal, não poderia imaginar outra forma de governo. Já nessa época, o sentimento de conservação nacional acabava por fazer com que o mesmo se mostrasse pouco direcionado para a representação popular, na qual em seu ponto de vista, a raça alemã, ao invés de ser representada, era posta de lado. Sempre tiveram fortes opiniões sobre a democracia. Um de seus maiores desejos era ter nascido pelo menos cem anos antes, no tempo das guerras da Independência, quando em sua opinião, o indivíduo mesmo sem posses, ainda tinha valor. Na realidade em que nascera, era um homem sem grandes realizações e com pouca ou nenhuma habilidade visível.

Nesse contexto, a Primeira Guerra Mundial foi, para Adolf Hitler, “uma dádiva divina” (KERSHAW, 2010). O futuro Führer da Alemanha passou a sentir que fazia, finalmente, parte de algo, após uma vida de desajustes e tentativas frustradas de alcançar o talento que, de acordo com a sociedade a que pertencia, não possuía. Bem antes da guerra, no entanto, Hitler já dava sinais de sua personalidade, bem como de suas fortes convicções.

Seja em função de seu fascínio por uma política enviesada e direcionada, por sua seleção literária formada por publicações que contemplam discursos de ódio contra minorias

e, principalmente, contra judeus ou por sua personalidade forte aliada à sua mente fantasiosa e intensa, todos esses aspectos viriam a formatar o que se tornaria o Führer alemão (KERSHAW, 2010). Isso se somaria à sua vivência familiar, em Viena num segundo momento e na guerra, sua mais generosa escola.

Foi com entusiasmo que Hitler submeteu seu requerimento para permissão para assentar praça num regimento bávaro. Hitler havia fugido do exército em seu tempo de servir, mas após uma mudança em sua mentalidade, foi ao regimento por vontade própria. Como era de costume, havia mais trabalho do que mão de obra e já no dia seguinte recebeu resposta positiva ao seu pleito.

Na IGM, ele passou de um artista frustrado a um soldado alemão. Ao servir sua pátria, Hitler encontrou um sentido no viver pelo seu país. Seu batalhão passou a ser sua casa. No pós-guerra, a possibilidade de ter que deixar o batalhão era vista com olhos medrosos - o exército fora sua carreira por quatro anos e ele não tinha para onde voltar e nem ao menos pelo que esperar fora dos campos de batalha.

A luta perdurou ano após ano e todo o romantismo que anteriormente o habitava deu origem ao horror. Era chegado o momento em que cada um tinha que guerrear entre seu instinto de sobrevivência e a responsabilidade do dever a cumprir. O jovem voluntário entusiasmado pelo preciosismo da farda e do instinto patriota tinha se tornado um soldado raso e comum. Relatos apontam que seu batalhão o tinha como um tanto desequilibrado e por tal motivo, acabavam zombando dele que imediatamente retrucava que um dia haveriam de ouvir falar dele (JORGE, 2012).

Se para Hitler a Primeira Guerra Mundial foi uma dádiva, para a Alemanha foi um completo desastre: pagamentos referentes a grandes reparações militares, econômicas e territoriais aos países aliados; hiperinflação da moeda alemã vigente na época (inflação essa que se alastraria por toda Europa na crise de 1929); perda de territórios para França, Bélgica, Dinamarca, Polônia, Tchecoslováquia entre outros, somando cerca de 13% em perdas totais, aproximadamente 70.000 quilômetros quadrados; perda de cerca de um décimo da população da época (de 6 a 7 milhões); perda de colônias e o desemprego avassalador<sup>5</sup>.

Com a derrota na Primeira Guerra Mundial, o país fora obrigado a assinar, em 1919, o "Tratado de Versalhes" com os países que ganharam a guerra (Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e países aliados), tal acordo exigiu o pagamento de reparações na economia, militares e territoriais aos países que sofreram ataques da Alemanha. A oeste, a Alemanha fora

---

<sup>5</sup> <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr>

obrigada a devolver a região da Alsácia-Lorena à França (a região havia sido tomada dos franceses pelos alemães há aproximadamente 40 anos). A Bélgica obteve as cidades de Eupen e Malmedy. A área industrial de Sarre se manteve sob a administração da Liga das Nações por 15 anos. A Dinamarca obteve a região norte de Schleswig. Ainda a base militar da Renânia

Figura 1 – Perdas territoriais da Alemanha – Tratado de Versalhes – 1919



Fonte: [https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/media\\_nm.php?ModuleId=10007429&MediaId=1140](https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/media_nm.php?ModuleId=10007429&MediaId=1140)

foi desfeita, não sobrando nenhum soldado ou instalação militar no local. No Leste, a Alemanha perdeu partes da Prússia Ocidental da Silésia e o distrito de Hultschin. A cidade alemã de Danzig passou a ser livre e ter proteção da Liga das Nações. Fora do território europeu, a Alemanha perdeu as colônias que possuía África e no Pacífico. Foram amputações muito traumáticas para a Alemanha e diretamente para Hitler, pois sua pátria orgulhosa e escolhida pátria adotiva, em seu ponto de vista, passava por humilhações imensuráveis.

Derrotada, a população oscilava entre políticas extremas na tentativa de solucionar os inúmeros problemas que assolavam o país, o que acabou por dividir o país em uma classe média que culpava ferozmente a esquerda, os comunistas e, no imaginário da época - em parte pela imprensa marrom, que disseminava o ódio (KERSHAW, 2010) -, os judeus por terem entregado o país em um tratado de paz humilhante. Mais tarde, com os judeus já em campos



de concentração, isso ajudaria a entender porque a população média aceitou bem a chacina mais famosa do mundo.

Hitler tinha muitos ideais e ideias para mudar a situação de seu país. Mas acreditava que enquanto fosse apenas mais um cidadão, ninguém lhe daria ouvidos. Ele defendia que quanto maiores fossem as obras de um político em prol do futuro, menos tais obras seriam compreendidas no momento presente e acreditava que quanto mais pesada fosse a batalha a ser travada, mais raro seria o sucesso (HITLER, 1983).

Naquela época, duas frentes se destacaram: a Liga Spartacus (dirigida por Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, até 1919) e o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães ou, simplesmente, Partido Nazi (dirigido, após 1921, por Adolf Hitler). Agitações, tentativas de conscientização política ou de golpes de estado advinham das duas organizações. Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht sofreram intensa perseguição do governo alemão, também por intermédio dos *Freikorps*, grupos paramilitares de ex combatentes de guerra que, com apoio do governo, eram usados para impedir que acontecessem os levantes - mas que, pelo medo coletivo contra um levante comunista, dada a memória da revolução bolchevique bastante fresca no mundo, combatiam os espartaquistas com fervor mais induzido. Hitler gostou da ideia dos *Freikorps* da época (KERSHAW, 2010) e reciclou o conceito depois, com a criação da SS, a temida polícia Nazi.

Quanto à extrema direita, nesse “cabo de guerra” pela opinião popular, no entanto, o governo da época não se preocupou. Muito porque os preconceitos estavam já enraizados pelo contexto histórico mundial, após a pretensa demonstração do que seria capaz a esquerda, ou talvez pela forte demagogia que prometia, entre muitos outros feitos, revisar o Tratado de Versalhes e trazer a dignidade de volta à Alemanha. Já a esquerda, a título de comparação, realizava uma propaganda revolucionária entre as massas, organizava manifestações antimilitaristas, dirigia greves, desmascarava o caráter imperialista da guerra mundial e o oportunismo dos dirigentes da oposição.

O discurso dos dois lados era bastante sedutor a seus determinados públicos alvo, mas a esquerda não contava com a credibilidade que a direita, ali, tinha em demasia - pelo menos entre as grandes massas, que vinham assustadas com a recente derrubada do comunismo. Eram também devidamente influenciadas por uma propaganda fortíssima - não era do interesse do mundo nem muito menos da República de Weimar que as pessoas comesçassem uma revolução de ideias naquele momento.

Em *Mein Kampf*, Hitler conta esse tempo de formação política (entre 1913 e 1919, aproximadamente) como promissor à sua vida futura e uma verdadeira preparação para o que

estava por vir. A verdade, no entanto, é que sua permanência em Munique foi, sim, primordial - mas para que ele fortalecesse seus ideais e preconceitos (KERSHAW, 2010).

Sua amada pátria havia mudado de regime, o poder estava nas mãos dos socialistas que formavam uma administração provisória, enquanto os problemas do país só aumentavam. Já queria ser político e suspeita-se que teve participação nos acontecimentos da época. Se o exército foi a primeira casa, Hitler encontrou na política um lar. A política Alemã era composta por camadas que foram sendo transpostas por Adolf de modo quase natural.

Ele já há algum tempo havia decidido adentrar política de maneira mais ativa. Sua intenção era fazer essa inserção por meio de um novo movimento político. O indivíduo em pauta não pertencia à uma categoria de homens que iniciavam algo hoje e no dia seguinte desistia, ele sempre foi um obstinado e nutria aversão por indivíduos que tudo começavam sem nada concluir (HITLER, 1983). Por esse motivo refletiu muito antes de tomar a que seria uma das maiores decisões para a realização de seus objetivos políticos: aceitou sua inclusão como sócio do Partido Nazista, que possuía até então 06 membros, e se reuniam em uma modesta casa em Munique. Assim recebeu seu cartão de sócio provisório, com o número sete. Sua estreia na tribuna se deu algum tempo depois com um público de cento e onze pessoas e assim deu mais um passo na direção de seu destino.

A partir desse momento, Adolf ficou responsável pela divulgação do partido e organizou seu primeiro comício com um público de aproximadamente dois mil ouvintes. Assim, passou a conseguir apoiadores importantes como, por exemplo, o major Roehm, membro de Estado-Maior do Exército. Como responsável pela divulgação do partido, Hitler não se limitou em prever a grandeza do movimento, mas também em manter uma postura radical absorvendo os melhores homens para a causa. Se esforçava cada vez mais em prol de se tornar um líder temido e respeitado por todos. As metas de um movimento voltado para a renovação da política nunca seriam alcançadas através de propaganda exclusivamente intelectualizada ou com influência nos que dominam no momento, mas sim pela obtenção do poder político, pensava ele. Os que se agredem por determinada ideia que se propõe a mudar o contexto mundial, não só tem o direito, mas a obrigação de procurar meios facilitadores para sua concretização (HITLER, 1983).

Assim que assumiu, algum tempo depois, a posição de presidente do partido, adotou atitudes rígidas e passou a assumir a sua verdadeira essência. Tinha vocação para comandar, suas ordens tinham que ser cumpridas ao pé da letra e pregava que nenhum sacrifício social deveria ser tido como exacerbado se para conquistar multidões para o movimento. Defendia fervorosamente que o que a maioria quer é a vitória do mais forte e a derrota do mais fraco e

ainda que tudo que se repetir incansavelmente para o povo, seja verdade ou não, ele acabará tomando por verdade, sendo necessário somente repetir sempre o mesmo discurso. Para ele, conquista de uma sociedade só pode ocorrer quando se luta simultaneamente em prol de suas metas e contra os adversários de tais metas (*idem, ibidem*).

Hitler, em *Mein Kampf*, deixa claro que se a obtenção do poder é a condição inicial para a concretização de reformas políticas e um movimento com objetivos renovadores precisa, desde o nascimento, assumir uma postura de essencialmente popular e não de um clube de livros ou um clube esportivo de aristocratas (HITLER, 1983). Desde sempre enalteceu a rebelião e repetia às multidões que o que havia acontecido ao país fora injusto e que foram muito penalizados pelo Tratado de Versalhes. Dando soluções demagógicas, passou a se colocar como o messias salvador que daria fim ao sofrimento do povo. Com tal estratégia angariou cada vez mais apoio de figuras importantes no quadro político da época e, juntamente, vinham homens de conhecimentos diversos, estudiosos e inteligências que passam a corroborar com o aumento de sua força e poder tanto de Hitler quanto do partido Nazista (JORGE, 2012).

A raça ariana começa a ser enaltecida, ainda que timidamente no início. Os nazistas defendiam que dela provinham os fundamentos de todas as criações humanas, dos arianos provinha o formidável material de construção e os processos para todo progresso da humanidade. Houve esforços para reunir todos os alemães com o propósito não somente de selecionar os melhores indivíduos raciais e conservá-los, mas também de colocá-los, de forma vagarosa, mas firme, a uma situação de domínio (KERSHAW, 2010).

Em junho de 1922, com base em todo trabalho feito por Walter Rathenau no início da Grande Guerra, o mesmo fora nomeado ministro das Relações Exteriores e após afirmar que cumpriria o Tratado de Versalhes ao pé da letra, morreu em trágicas circunstâncias. O crime fora atribuído à estudantes nacionalistas os quais o partido de Hitler incentivavam à revolta.

Os problemas econômicos na Alemanha cresciam de forma exponencial e o governo sem poder cumprir com suas responsabilidades solicitou moratória. Houve recusa ao pedido e novos problemas começaram. O povo alemão começa a fomentar processos de resistência passiva e por sua vez Hitler investia no Partido Nazista, tornando-o cada vez mais organizado e apresentável. O povo alemão estava em grande necessidade de um messias, de um milagre salvador.

Em função dos acontecimentos que sucediam cada vez mais rápido e após mais uma tentativa de levante por parte do partido de Hitler, em agosto de 1923 fora eleito um novo chanceler do Reich, Gustav Stresemann. Este cria um governo conhecido como Grande

Coalizão e conta com a colaboração de Hitler no projeto de pacificação da Alemanha, bem como o retorno da confiança no governo. Logo as medidas de Adolf puderam ser vistas pela população.

Quando Adolf entende que a estratégia do chanceler era acabar com a resistência passiva, se alia a outros políticos e constitui desta forma uma nova frente de luta que ficou conhecida como *Deutscher Kampfbund*, que tinha como meta principal o fim da República e a extinção do Tratado de Versalhes. No instante em que Stresemann determina o fim da campanha de resistência, a nova frente dá início a manifestações contra o atual governo. Hitler tentou organizar comícios em Munique, porém fora impedido e ameaçou o Estado com “rebeliões sangrentas”.

Passado algum tempo destes acontecimentos, Hitler organiza o que ficaria conhecido como o grande Putsch da cervejaria. Com arma em punho, discursava de modo inflamado numa cervejaria de Munique. Pessoas cercaram o local e ao tomar o palanque, esbravejava dizendo que começara naquele instante a Revolução Nacionalista (KERSHAW, 2010). Enquanto isso, quartéis do Exército e da polícia foram tomados e homens carregando a suástica marchavam pela cidade. Assim Adolf começou a proferir ordens, prisões e nomeações para este "novo governo".

Assim se deu uma das primeiras tentativas sérias de tomar o poder, pois os nazistas começaram a ter problemas, tropas do exército regular ofereceram resistência, a polícia fazia barreiras nas ruas impedindo o avanço das tropas. O golpe foi desfeito no dia seguinte, Hitler se entregou às autoridades logo após a tentativa de golpe e foi condenado a cinco anos de prisão.

Na prisão, Adolf tinha muito tempo e foi nesta época que começou a ditar para Rudolf Hess seu livro *Mein Kampf* (Minha Luta), cujo título original dado pelo autor era: “*Quatro anos e meio de luta contra a mentira, a estupidez e a covardia*”. Seu editor optou por mudar o nome do livro, que foi publicado em dois volumes<sup>6</sup>.

De acordo com o livro tudo se resume em duas coisas: raça e sangue. Os Arianos (a raça pura), que compunham a raça superior, escravizariam as raças inferiores e em função disso formariam uma nova civilização. Na obra em questão Hitler disserta sobre tudo conforme seu ponto de vista, sem nenhuma preocupação em se ater a provas documentais ou mesmo fatos. Alguns autores afirmam que ao ler a obra *Mein Kampf* tem-se a impressão de a mesma fora escrita por alguém paranoico, obcecado e extremamente inteligente.

---

<sup>6</sup> Max Amaan, depois, se tornaria o responsável pelas publicações nazistas.

Adolf ficou preso de 23 de novembro a 24 de dezembro. Assim que ficou em liberdade tentou acabar com a interdição do partido nazista. Recomeçou seu trabalho em seguida apontando com os principais inimigos da Alemanha os judeus e os bolchevistas, tornando seu ódio explícito. Declarou que por 12 meses seria ele quem controlaria o movimento, sem intervenções, e que se no prazo estabelecido não conseguisse cumprir com o que se comprometera, colocaria seu posto nas mãos dos demais integrantes do partido.

Em abril de 1925, Paul Beckendorf von Hindenburg fora eleito, porém os nazistas ficavam apreensivos em função de seu conservadorismo, e de seu desprezo para com Hitler. Alegava o então presidente que Hitler era um simples cabo, além de “pequeno burgês”.

Figura 2 – Cartaz do partido nazista em 1930. O partido usava os judeus como bodes expiatórios de todos os problemas da Alemanha. A espada, com o símbolo da suástica, golpeia uma cobra com a estrela de David na cabeça. Acompanha-a o texto: ‘Usura, Versalhes, desemprego, culpados pela guerra, marxismo, bolchevismo, mentiras e fraudes, inflação, Locarno, Pacto de Daves, Plano Young, Corrupção, Barmat, Kutisker, Sklarek, escravidão branca, terror, guerra civil’. Nessa eleição, o NSDAP foi o segundo partido mais votado, com 18,3% dos votos.



Fonte: [www.annefrank.org](http://www.annefrank.org)

Em seguida houve a eleição para o *Reichstag*, o parlamento alemão, e o partido conseguiu duzentas e trinta cadeiras no Parlamento e, em janeiro de 1933, quando reeleito, Hindenburg nomeou Adolf Hitler o novo Chanceler do Reich. Dizer que foi uma decisão equivocada seria um tanto acertado: após modificar aspectos da Constituição Alemã, promulgou um decreto onde acabava com o direito de livre expressão do pensamento e, assim, o Estado passava a controlar a imprensa, as comunicações via telégrafos e telefone, além do serviço postal.

Seu objetivo era chegar ao poder supremo (HITLER, 1983) e neste intuito começou seu empenho para destruir todos os demais partidos e sindicatos tidos como marxistas, inúmeros comunistas de uma hora para outra se viram presos em campos de concentração. Ao mesmo tempo, Adolf mandava prender e perseguir nomes conceituados que se opunham ao regime nazista. Houve inclusive perseguição religiosa e esta atingiu os católicos e os protestantes, pois os nazistas defendiam o culto do “paganismo heroico” do indivíduo nórdico. Ocorreram inúmeras execuções. Mas o povo mais perseguido eram mesmo os judeus (ver Figura 2).

Em função da idade avançada de Hindenburg e de seu estado de saúde, Adolf já previa que o mesmo poderia vir a falecer e estrategicamente fez com que fosse decretada uma Lei que determinava que os cargos de presidente e chanceler do Reich seriam assumidas por ele como Fuhrer da população germânica. Tal lei entrou em vigor um dia antes da morte de Hindenburg. Quando ele morreu, Hitler anexou ao seu cargo a presidência da Alemanha e chegou ao poder, estabelecendo-se no poder. *Ein Volk, Ein Fuhrer, Ein Reich*.

### 3 A BANALIDADE DO MAL

Seria irrefletido afirmar categoricamente que Hitler não escreveu “*Mein Kampf*” pensando no bem comum - ou, pelo menos, ao que ele considerava ser bom. Ele defendia a superioridade e a pureza da raça ariana - a quem definia com todo fervor como o supra sumo da pureza humana - e, ao expor seus pensamentos e escancarar ao mundo inteiro suas mais aguerridas convicções deixou claro, a seu modo, o motivo pelo qual acreditava serem inferiores judeus, negros, homossexuais e outras minorias. Diz o autor em “*Mein Kampf*”:

“Isso é um fenômeno perfeitamente natural: todo cruzamento entre dois seres de situação um pouco desigual na escala biológica dá, como produto, um intermediário entre os dois pontos ocupados pelos pais (...). Semelhante união está, porém, em franco desacordo com a vontade da Natureza, que, de um modo geral, visa o aperfeiçoamento da vida na procriação. Essa hipótese não se apóia na ligação de elementos superiores, mas na vitória incondicional dos primeiros. O papel do mais forte é dominar. Não se deve misturar com o mais fraco, sacrificando assim a grandeza própria. Somente um débil de nascença poderá ver nisso uma crueldade, o que se explica pela sua compleição fraca e limitada. Certo é que, se tal lei não prevalecesse, seria escusado cogitar de todo e qualquer aperfeiçoamento no desenvolvimento dos seres vivos em geral.” (HITLER, 1983, p. 185)

Não é o caso, no entanto, de justificar seus indesculpáveis mandos e desmandos da época, que ocasionaram a morte de mais de 10 milhões de pessoas. O que hoje é visto como um mal intrínseco, inquestionável e inaceitável foi naquela época aceito como ordinário e cotidiano. O problema ético na republicação de um livro com tanto dos ideais de Hitler é, também, um dilema moral. Enquanto a ética discute os valores de bem e mal, a moral representa os valores assumidos para organizar as relações interpessoais, sempre com base no que é bom e no que é mau (ARANHA; MARTINS, 2005). Assim sendo, seria necessário que a figura do outro-eu fosse considerada antes da tomada da decisão editorial de publicar esse livro: é preciso considerar essa faca de dois gumes - o livro pode, sim, educar um intelectual mas pode também educar um neonazista, por exemplo.

De acordo com a ética aristotélica, fundamental para nosso pensar e compreender da ética ocidental (NODARI, 1997), toda arte, investigação, ação e escolha tendem a algum bem (ARISTÓTELES, 1989). Sendo assim, visto que as possíveis consequências não podem ser ignoradas, há que se refletir acerca dos bens pretendidos com a republicação de *Mein Kampf* neste momento da história do Brasil. Esmiuçando os conceitos de ética, moral e mal, poderemos ter um claro panorama de como esses três conceitos conversam com a época pós IGM e também com o momento político conturbado que vive o Brasil.

### 3.1 A ÉTICA

Quando se fala em ética, é impossível não citar o conceito de Aristóteles, até hoje a pedra de toque para a ética ocidental. Nesse contexto temos que, primeiramente, toda ação, investigação, arte e escolha tendem a algum bem. Temos ainda que a ética aristotélica é pautada pelo bom senso, fundada nos juízos morais do homem que possa se considerar bom e virtuoso (NODARI, 1997).

O bem de que fala Aristóteles precisa ser um bem imbuído de valor por ele mesmo e o bem último de todas as coisas é, certamente, o mesmo: a felicidade. Chamada de sumo bem, o homem a deseja acima de todas as coisas e dela deriva o sentido para que todo o resto se concretize: ora, se a felicidade não for alcançada, então não há sentido em qualquer bem, qualquer ação, qualquer escolha, investigação ou arte. É importante que se diga, no entanto: a felicidade é o meio termo - não em si, mas só é alcançada pelo meio termo. A virtude ética traz à baila a “via média”, ou seja, a capacidade de regular as ações humanas de forma que nada falte ou se exceda - a falta é a privação do prazer e o excesso, por ser prazer demais, acaba convertido em dor (NODARI, 1997). E é só a partir da ação bem equilibrada que visa o bem e, por isso, o sumo bem, que se pode ser feliz. Desse modo, a virtude ética se mostra essencial para a felicidade.

Aristóteles elenca, em seu *Ética a Nicômaco* (ARISTÓTELES, 1989), algumas virtudes e seus correspondentes a falta e excesso:

"A mansidão é a via média entre a iracúndia e a impassibilidade. A coragem é a via média entre a temeridade e a covardia. A verecúndia é a via média entre a impudência e a timidez. A temperança é a via média entre a intemperança e a insensibilidade. A indignação é a via média entre a inveja e o excesso oposto que não tem nome. A justiça é a via média entre o ganho e a perda. A liberalidade é a via média entre a prodigalidade e a avareza. A veracidade é a via média entre a pretensão e o autodesprezo. A amabilidade é a via média entre a hostilidade e a adulação. A seriedade é a via média entre a complacência e a soberba. A magnanimidade é a via média entre a vaidade e a estreiteza de alma. A magnificência é a via média entre a suntuosidade e a mesquinharia."(ARISTÓTELES, 1989, II, 7.)

A “via média” citada é, precisamente, a virtude ética. Logo, o meio termo entre dois extremos é o caminho a seguir, segundo o filósofo. Como a ética aristotélica leva em consideração o homem enquanto indivíduo, podemos deduzir que a ética prepara, individualmente, o terreno para que, na política, possam todos viver bem na polis (NODARI, 1997). Isso acontece pois a política analisa o homem enquanto sociedade. Sendo assim, o grupo é o objeto de estudo maior da política e o indivíduo é objeto de estudo maior da ética.



Ainda na seara da ética, o filósofo divide a alma humana em três partes: nutritiva, sensitiva e intelectiva. A parte nutritiva seria responsável pelo crescimento e nutrição do corpo, a parte sensitiva, pelas emoções e a parte intelectiva, a mais importante, segundo o filósofo, estaria ligada à razão. Isso porque, segundo Aristóteles, “as virtudes éticas tem na razão seu valor” (ARISTÓTELES, 1989). Às partes irracionais da alma (a saber: nutritiva e sensitiva) couberam as virtudes éticas, ou seja, a parte da alma intrinsecamente humana, que domina tendências, desejos e impulsos; à parte racional (alma intelectiva) couberam as virtudes dianoéticas, ou seja, ocupando um lugar acima das virtudes éticas, representam as virtudes intelectuais.

Entendemos ainda que a virtude ética, que regula as ações do homem para que ele conviva bem em sociedade e consigo mesmo por meio da “via média”, não pode ser separada da prudência, que pode ser definida de acordo com o próprio autor:

A prudência, virtude do intelecto prático, é uma virtude intelectual do tipo original e o conhecimento que lhe é próprio é um conhecimento específico. Consiste em saber dirigir corretamente a vida do homem. Como virtude, ela é também um estado habitual em vista de uma tarefa que, neste caso, não consiste no justo meio mas em dizer a verdade<sup>54</sup>. Não a verdade pura, mas a verdade da ação a ser feita. Portanto, a virtude intelectual prática é um estado habitual verdadeiro que dirige a ação. Ora, se o intelecto prático é impregnado de desejo e se sua atividade não é mais a pura verdade, então, nele, a verdade é a duração da retidão do desejo. Isso que caracteriza o intelecto prático é o fim a que ele se propõe, ou seja, dirigir a ação. (ARISTÓTELES, 1989 apud NODARI, 1997)

Logo, entendemos que a prudência e a ética não podem se separar visto que, quando elas se encontram, a ação torna-se boa. Pensamento e desejo formam uma decisão. Logo, a prudência é o início da decisão, que leva à ação. Mais que isso, a prudência é o princípio da decisão no sentido de afirmar a verdade enquanto a ética deseja a justiça. (NODARI, 1997).

Tendo isso posto e entendendo como a ética e a política convivem juntas para o bem social e individual do homem, pode-se afirmar com certeza que ética e política não podem se separar pois a política cuida do coletivo, a ética do individual e as duas juntas certificam-se que o homem, caso siga sempre no caminho ético, nunca seja infeliz.

Quanto à felicidade: é um conceito cotidiano, feito para ser cultivado diariamente por ações. Marilena Chauí, em sua introdução à filosofia, explica:

“O bem ético pertence ao gênero da vida excelente e a felicidade é a vida plenamente realizada em sua excelência máxima. Por isso não é alcançável imediata nem definitivamente, mas é um exercício cotidiano que a alma realiza durante toda a vida (...) de acordo com a sua excelência mais completa, a racionalidade.” (CHAUÍ, 2002, p 442).

Assim, chegamos à conclusão que a obtenção da felicidade só pode vir por meio de ações que reúnam a prudência e a virtude ética.

### 3.1.1 APONTAMENTOS ÉTICOS

A face da extrema direita se mostra em muitos lugares do mundo e da história, mas é sempre fiel à própria imagem. O pensamento da extrema direita encontra, hoje, ecoa em diversas partes do mundo - bons exemplos são o presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, e o pré-candidato à presidência da república brasileira, Jair Messias Bolsonaro.

Existem, é claro, outros exemplos porém esses dois assustam por um sem número de motivos, sendo alguns: os dois expressam seus pensamentos imbuídos de toda sorte de preconceito com naturalidade, tem posições de prestígio, carregam status de celebridade e, no caso de Donald Trump, se elegeu presidente de um país de proporções continentais, mesmo com inúmeros escândalos em seu encalço.

No caso de Jair Bolsonaro, pré-candidato à presidência da república, o cenário muda - mas não muda tanto. Famoso por suas posições no mínimo polêmicas, o presidenciável coleciona processos e acusações por frases contra negros, homossexuais e por declarações misóginas. Alguns exemplos de declarações por toda a vida política de Bolsonaro:

"Eu fui num quilombola em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gastado com eles"<sup>7</sup>.

"Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater!"<sup>8</sup>.

"Não é questão de gênero. Tem que botar quem dê conta do recado. Se botar as mulheres vou ter que indicar quantos afrodescendentes"<sup>9</sup>.

Mesmo com esse tipo de declaração pela maior parte da sua vida política, ele hoje encabeça as pesquisas de intenção de voto para ocupar o cargo político mais alto no Brasil: a presidência da república<sup>10</sup>. O único cenário em que ele não lidera todas as pesquisas é o que conta com a volta do ex- presidente Lula para um terceiro mandato. Atualmente, o ex presidente Lula encontra-se preso e com poucas chances de disputar a corrida para a presidência.

Da mesma forma, chama atenção o fato do presidente não se colocar de forma tradicional. Por exemplo: o presidenciável assume publicamente que nada entende de economia - mas que, até hoje, os economistas que governaram o Brasil "acabaram" com o país. É um tipo diferente de abordagem e seus eleitores, também conservadores, compram o discurso e estão dispostos a dar uma chance para que Bolsonaro mostre a que veio.

<sup>7</sup> (Em palestra no Clube Hebraica, abril de 2017)

<sup>8</sup> (Em entrevista sobre uma foto do ex-presidente FHC ter posado em foto com a bandeira gay e defendido a união civil, em maio de 2002).

<sup>9</sup> (Em entrevista em Pouso Alegre, questionado se aumentaria o número de mulheres no ministério, em março de 2018).

<sup>10</sup> Reportagem disponível em: <https://tinyurl.com/y9qycqct>. Último acesso em 21/06/2018, 22:52.

Dado esse cenário de destaque para o pensamento ultraconservador, é fácil contrabalancear o argumento que diz que *Mein Kampf* pode servir como instrumento para educar e alertar sobre os perigos de se cometer o mesmo erro na história. De fato, o livro pode servir como instrumento de consulta, mas não há como garantir que não seja usado também como inspiração para um levante da direita ultraconservadora de forma mais agressiva. Quando se publica um livro, suas ideias disseminam-se e influenciam pessoas. É fácil ver ao longo da história como obras transformaram a sociedade ao redor - o maior e melhor exemplo é a Bíblia, responsável por reger a conduta ética, moral de grande parte da população.

### 3.2 A MORAL

Figura 3 - *Narciso*, de Caravaggio, 1598 - 99 . Óleo sobre tela, 110 x 92 cm.



Fonte: tumblr.com

Narciso era filho de um deus com ninfa e possuía extraordinária beleza. Seus olhos eram brilhantes, seu rosto oval e seu cabelo era anelado, como o deus Apolo. O mito de Narciso conta sobre o jovem solitário que não confiava a ninguém seu amor e um dia, tendo cometido um ato de extrema crueldade com a ninfa Eco, recebeu dos deus Nêmesis um triste destino: morrer de amor por si mesmo. Fitando o próprio reflexo em uma fonte de águas

prateadas, Narciso ficou-se a contemplar a figura, esquecendo-se do alimento e do tempo. Em pouco tempo, sua beleza desapareceu e o jovem faleceu. Enquanto sua sombra atravessava o rio Estige, em direção ao reino de Hades, debruçou-se no barco para admirar a própria figura<sup>11</sup>.

O mito de Narciso nos explica, além de vaidade, a moral. Narciso não sai de si mesmo e, assim sendo, não consegue descobrir a figura do outro como um outro-eu (ARANHA; MARTINS, 2005). A moral pressupõe o outro, sem o qual não faz sentido sua existência.

A moral não nasce com o ser humano, mas é aprendida por ele. É sabido que cada cultura tem suas próprias noções do que é bem e do que é mal - e isso, claro, influi na moral local. Um bom exemplo: países laicos e islâmicos têm uma cultura diferente e, por conseguinte, uma moral diferente. A ética é individual, a moral é social. Assim como Narciso, a criança não sai de si mesma - o que nos leva a concluir que não sair de si mesmo e não conquistar a própria autonomia (ou seja, não aprender a decidir de acordo com as próprias leis) é um comportamento infantil.

Quando nascemos, nossa moral é heterônoma, ou seja, nossas decisões acerca do que devemos fazer provém de uma figura de autoridade (o pai, o professor, o médico) e obedecemos para evitar uma punição ou recolher uma recompensa (ARANHA; MARTINS, 2005). À medida que crescemos e passamos a tomar contato com o outro, é mister que nos tornemos sujeitos morais, ou seja, que despertemos nossa autonomia.

A moral está presente no dia a dia. Quando você decide fumar um cigarro, beber uma garrafa de cerveja, assistir a um filme em vez de fazer suas obrigações, deixar de ir a uma festa para ficar com sua família, vai à academia ou se esmera para manter a higiene pessoal em dia, você está agindo de acordo com a sua moral. O trabalho da ética é dizer o que está certo e o que é errado e o trabalho da moral é conformar isso à sociedade de acordo com a livre vontade do indivíduo (ARANHA; MARTINS, 2005).

Seu lado negativo, no entanto, também acontece com frequência. Apesar de pressupor o bem comum, uma deturpação da moral pode acontecer quando um determinado grupo social dissemina determinados valores como positivos para todos quando, na verdade, só é positivo para um determinado grupo e não para todos. É uma das artimanhas de qualquer elite para que se mantenha o status quo: dizer que os valores interessantes a ela são, também, interessantes ao povo - essa afirmação quase nunca é verdadeira, no entanto. Para que exista a elite, deve haver alguém subordinado a ela.

---

<sup>11</sup> Mito grego disponível na íntegra no canal online do Laboratório de Filosofia da UFMG. Link disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~labfil>. Último acesso em 21/06/2018, 04:56.

Destruindo as bases da filosofia clássica, Friedrich Nietzsche dá outra visão sobre o que é moral. Ele diz que a moral é criação humana, imposta pelo "Dragão dos valores", aquele que diz "Tu deves" quando o indivíduo diz "Eu quero" (NIETZSCHE, 1999). Logo, a moral nega o corpo em favor do espírito e, por isso, nega a vida, reduzindo sua vontade de potência.

Nietzsche põe em xeque a ética aristotélica com seus questionamentos e sua nova proposição do que seria a moral que diz que toda ação tende a um bem quando questiona a quem serve esse bem. Segundo ele, a moral é um juízo de valor produzido com base em extremos (bem, mal) de onde derivam normas obrigatórias (NIETZSCHE, 1999 *apud* SCHMID, 2007).

Aristóteles, no entanto, não foi privilegiado: Nietzsche colocou muitos conceitos da filosofia clássica em pauta e acabou destruindo todos eles; não à toa, ficou conhecido como o filósofo do martelo. Ainda nos conceitos do grande filósofo grego, Nietzsche diz que o bem e o mal não deveriam existir, pois são conceitos que condenam a vida, reduzindo a potência da vontade, gerando culpa e má consciência (NIETZSCHE, 1999). Não respeitam o desejo, logo, não devem ser levados em consideração. Nietzsche diz que o homem está acima da moral, do bem e do mal.

O filósofo alemão diz ainda que o homem, por ser responsável por suas ações, não deve se deixar levar por julgamentos alheios - tudo provém do desejo e, ademais, a moral cristã servia um clero a quem interessava a culpa provocada pelas ações provenientes única e exclusivamente do desejo do homem (NIETZSCHE, 1999). A síntese do que ele defende pode ser descrita da seguinte forma: um grupo social hegemônico, ou seja, com o controle financeiro e econômico numa sociedade, impõe que determinado valor era bom a todos e todos deviam segui-lo (a bondade, a caridade e a culpa são bons exemplos). Mas esse valor era, na verdade, interessante a esse determinado grupo social.

Adolf Hitler praticou essa ideia - e a justificou cientificamente com base na obra de Nietzsche, depois, após a morte do autor - com a defesa da "pureza ariana" (HITLER, 1983). Já aqui no Brasil isso ocorre de um modo sutil na sociedade desigual: o grupo economicamente dominante impõe o consumo como forma de validar a própria existência em sociedade e exclui uma parcela da população. Isso cria uma tensão social parcialmente controlada pela religião, que impõe a culpa cristã e prega uma "boa conduta moral" como condição *sine qua non* para a "salvação" diante de deus. A análise da moral é, ainda, necessária quando pensamos num levante da extrema direita que pede, novamente, o retorno da moral e dos bons costumes na nossa sociedade "degenerada".

### 3.2.1 APONTAMENTOS MORAIS

Para a manutenção do *status quo*, existem alguns métodos mais eficientes. O silenciamento do pensamento crítico é, sem dúvida, um dos mais eficientes. Cala-se a voz do pensamento crítico com diversos garantidores de controle social: a religião, o entretenimento vazio e a repressão violenta de tudo que vai de encontro ao que jaz estabelecido. Também a imprensa tem seu papel alienante: é facilmente corrompível e seu discurso não raro tem o poder de fabricar verdades - assim como a publicação de um livro, uma notícia de jornal pode promover ou destruir uma vida.

Exemplos não faltam, nem na realidade e nem na ficção - a vida, afinal, imita a arte. Vencedora de 7 *Emmys* e 5 Globos de Ouro, a série dramática *House of Cards* (HoC) é um *thriller* político que trata da rotina de um parlamentar na Casa Branca, em Washington, DC. O parlamentar Frank Underwood (Kevin Spacey), protagonista da série, ajudou a eleger o presidente da república nos Estados Unidos em troca do cargo de Secretário de Estado após a vitória. Quando o presidente não cumpre com sua parte no acordo, Frank começa uma série de artimanhas para, ao fim e ao cabo, depor o presidente de seu cargo e tornar-se, ele mesmo, o chefe de estado. Um de seus artifícios está em contar com a repórter Zoe Barns (Kate Mara) para publicar uma matéria especulativa de modo a influenciar a escolha do presidente sobre uma escolha para um alto cargo.

Na vida real, um artifício largamente utilizado por quem tem o interesse de desviar a atenção sobre um fato ou deturpar a verdade, por exemplo, são as notícias falsas espalhadas em larga escala. O conceito de *fake news* fez parte da campanha presidencial do agora presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, e faz parte do cotidiano brasileiro. As notícias disseminadas em rede social correm a rede e, antes que se perceba, há um largo contingente de pessoas divulgando uma mentira sem o menor fundamento. Acontece também o oposto: em ordem de se defender de acusações indigestas, políticos tacham notícias verdadeiras como mentiras usadas para manchar sua imagem.

Do mesmo modo, Hitler também o fazia, mas de uma maneira mais sutil: por meio de sua propaganda, disseminava entre o povo alemão valores antissemitas, racistas, xenófobos à exaustão. A moral do Fuhrer pode, mais uma vez, ser questionada: a quem interessava o conceito de pureza da raça ariana? A quem interessava o trabalho escravo desempenhado pelos judeus? A quem serviam seus ideais preconceituosos?

### 3.3 O MAL

*“A situação era tão simples quanto desesperada: a esmagadora maioria do povo alemão acreditava em Hitler”*  
(ARENDRT, 1999, p. 114)

De acordo com o dicionário, algumas definições da palavra “mal” podem ser: “contrariamente à virtude, à moral, ao dever, ao que preceitua a ética”; “o que prejudica ou fere; o que concorre para o dano ou a ruína de alguém ou de algo; o que é nocivo, desastroso para a felicidade ou o bem-estar físico ou moral; infelicidade”; “prática, estado, situação que tem efeitos nocivos, desastrosos”; “totalidade de atos, experiências e coisas indesejáveis ou nocivas; existência de sofrimento e perversidade” e “o que se opõe ao bem, à ordem, à virtude, à honra; o que é censurável ou indesejável”<sup>12</sup>.

Também filosoficamente podemos definir o que é mal. Segundo Aristóteles, por exemplo, o mal era aquilo que se opunha à ética e, por isso ao sumo bem do homem, que era a felicidade. Para Nietzsche, revolucionário em seu pensamento, o mal era, juntamente ao bem, um instrumento moral de controle e um modo de julgar as ações humanas provenientes do desejo e, por isso mesmo, catalisador da potência de vontade da vida. Nem todos os filósofos, no entanto, aceitam a existência do mal. Santo Agostinho, por exemplo, defendia que o mal não existe, apenas a ausência do bem. O que existem são graus de bem ou sua ausência. Deus, segundo o filósofo, não criaria algo essencialmente mau.

Hannah Arendt acreditava que o mal está presente em cada um de nós e que só por meio da educação pelo pensamento - educar-se por meio de diálogos e reflexões - seria possível impedir o mal de florescer e, assim, tornar-se vil. No livro *Eichmann em Jerusalém* (1999), a filósofa relata o julgamento de Adolf Eichmann, acontecido em Jerusalém em 1961. Ele era um burocrata nazista, responsável por deportar judeus aos campos de concentração, sendo diretamente responsável por suas mortes. Assistindo ao julgamento, ela se deu conta de que o homem por trás da cabine de vidro era nada menos que um burocrata (ANDRADE, 2009), confuso em sua culpa e assustado pelas repercussões de um trabalho bem feito a serviço do nazismo alemão.

Arendt chega à conclusão de que aquele homem a quem ela observa não é um monstro. Na verdade, a personalidade de Eichmann foi um ponto difícil para a autora, que não entende o que vê, mas sabe que deve ser levado a sério (ARENDRT *apud* ANDRADE, 2009):

---

<sup>12</sup> Dicionário Houaiss, 2018.

“A personalidade de Adolf Eichmann foi um dos pontos mais controvertidos enfrentados por Hannah Arendt, que o considerava um novo tipo de criminoso, um *hosti humani generis* (inimigo do gênero humano), participante de um novo tipo de crime: assassinatos em massa num sistema totalitário. Esse novo tipo de criminoso só pode ser entendido a partir de uma nova profissão: o burocrata. Para um burocrata, a função que lhe é própria não é a de responsabilidade, mas sim a de execução (Correia, 2004, p. 93). Daí a reiterada afirmação burocrática: eu só cumpro ordens.” (ANDRADE, 2009)

O que assustou Hannah Arendt, quanto ao homem em julgamento, foi sua absoluta normalidade. Não parecia um gênio do crime, ter nenhuma doença ou inclinações para o mal: era um homem, apenas. Bom marido, bom filho, bom irmão, bom pai, bom trabalhador, bom alemão. Ainda assim, responsável pela morte de muitas, muitas pessoas. Outro aspecto sobre Eichmann que chamou a atenção de Hannah Arendt foi o uso da linguagem: o homem se comunicava apoiando-se em clichês e com dificuldade em proferir uma ideia própria - um homem sem autonomia na própria voz:

Clichês, frases feitas, adesão a códigos de expressão e conduta convencionais e padronizados têm função socialmente reconhecida de nos proteger da realidade, ou seja, da exigência do pensamento feita por todos os fatos e acontecimentos em virtude de sua mera existência. Se respondêssemos todo tempo a esta exigência, logo estaríamos exaustos; Eichmann se distinguia do comum dos homens unicamente porque ele, como ficava evidente, nunca havia tomado conhecimento de tal exigência. (ARENDR, 1995, p. 6)

A lógica insustentável de Eichmann, sua posição de pessoa respeitável em conflito com sua responsabilidade inimputável por um crime de proporções gigantes e sua inabilidade de se comunicar de modo crítico e articulado ajudaram a formação do conceito de “banalidade do mal”. O mal banal não dá o pressuposto da inocência - ao contrário, a responsabilidade pelo crime continua ali. A “banalidade” não é, tampouco, normalidade. O banal a que se refere Arendt não é comum nem normal, mas toma indevidamente o lugar do comum (ANDRADE, 2009).

Um dos motivos para que essa banalização do mal possa acontecer é o fato de que, nesse contexto, seus agentes, quem impetra o crime, são superficiais e suas vítimas são consideradas supérfluas. Eichmann era raso, sua personalidade absurdamente superficial (*idem, ibidem*) e suas vítimas, impossíveis de precisar em número, eram, para ele, supérfluas. Sua vida não valia nada. A isso, também se acredita que a característica servil de suas células é fundamental a qualquer partido/sociedade totalitarista.

Vemos ainda com alguma surpresa que, segundo as críticas de Arendt, além da maioria das oposições a Hitler serem de cunho político e militar e não moral (ARENDR, 1999), conselhos de judeus foram coniventes com os nazistas (ANDRADE, 2009). Além



disso, a verdade era simples: “a maioria do povo alemão acreditava em Hitler.” (ARENDR, 1999).

Como conclusão, Hannah Arendt chega ao pensamento de que o mal acontece pois, de um modo geral, o homem não reflete suas ações - é incapaz de pensar sobre a realidade que o cerca e incapaz de pensar criticamente. Apesar de evitar entrar nessa discussão, podemos interpretar o conceito de banalidade do mal como uma possível resposta ao motivo pelo qual o povo alemão aceitou dócil e passivamente o massacre de milhões de pessoas encarceradas em campos de concentração que ficavam em meio à população.

### 3.3.1 APONTAMENTOS SOBRE O MAL

O mal estava presente na Alemanha nazista de forma escancarada. O caso de Adolf Eichmann mostra que, no entanto, o mal era algo banal, cotidiano. As pessoas não conseguiam se comover ou mesmo refletir (ARENDR, 1999) acerca de seu próprio entorno. Hitler representou um salvador para o povo alemão, que acreditou na ideia e comprou a briga do Fuhrer, fazendo oposição a um ou outro movimento político ou militar, mas raramente uma oposição de cunho moral (*idem, ibidem*). Não é só na Alemanha, no entanto, que há uma parcela imensa da população que convive com a incapacidade de pensar que nos explicou Hannan Arendt. A apatia crítica existe em qualquer lugar - inclusive no Brasil.

Os exemplos são muitos e muito parecidos: desde o silêncio de uma elite branca e rica, dominante política e economicamente, aceitando sem questionar a chacina diária que acontece em todos os estados do Brasil, em maior ou menor escala. A população negra e, sobretudo, a população negra, pobre e moradora de comunidades sofre com a marginalização e, em muitos casos, exclusão da sociedade. Isso se não levarmos em consideração a exclusão de outras minorias em outros meios. Jovens negros morrem todos os dias, gays e transexuais morrem todos os dias, mulheres sofrem com a violência doméstica - e, a tudo isso, há uma aceitação social altíssima. O mal, a banalidade do mal não ficou apenas no nazismo: está viva, bem e vive dentro dos lares de cada um.

Republicar um livro como “Mein Kampf” diante do discurso de ódio da extrema direita pode ser compactuar de modo acrítico com possíveis consequências desagradáveis como um levante que desaguaria num regime totalitário ou a perda de direitos adquiridos e pode ser, ainda, que não republicar essa obra seja inconsequente, já que a história deve ser lembrada e isso só é possível acerca da exposição. O olhar atento e crítico, em ambos os cenários, precisa estar sempre presente.

## 4 WIR HAB: A DIFICULDADE DE TOLERAR

‘*Wir Haß*’ ou ‘nosso ódio’, em tradução livre, trata da dificuldade de tolerância enfrentada pela sociedade contemporânea. O que parece estar havendo é uma regressão de pensamento no que diz respeito aos direitos universais. A análise a seguir convida à reflexão sobre o tema abordado nesta monografia sob esta luz.

### 4.1 ESTUDO DE CASO: A REPUBLICAÇÃO DE MEIN KAMPF

Muita coisa mudou após o fim da I GM na Alemanha. O povo, derrotado, foi obrigado a entregar tudo o que queriam franceses e outros países aliados da Europa e do mundo: territórios e consequentes perdas populacionais valiosas para que o rombo da guerra fosse coberto. No período entreguerras houve uma aparente paz global, um respiro para que o mundo pudesse se preparar para os horrores inimagináveis que viriam - é sabido, nunca se matou tanto como no século XX. O que estava travestido de paz era, na verdade, um caldeirão cozinhando em fogo lento. O fim desse processo desembocou na IIGM.

*Mein Kampf*, nessa época - mais ou menos entre 1925, seu lançamento, e 1927 -, vendia pouco - cerca de 9500 volumes, custando 12 marcos, o dobro do preço da época. Com Hitler alçado ao poder (primeiro como chanceler, depois como Führer), o livro passou a vender de modo desenfreado - mais pela publicidade do autor que pelo conteúdo do livro em si. O *Putsch* de Munique o havia transformado em um mártir. Em 1933, o livro chegou a vender 300mil exemplares. Ao todo, foram mais de 12 milhões de exemplares vendidos até 1945<sup>13</sup>. Os seguidores de Hitler, no entanto, não eram leitores vorazes - tanto entre o povo quanto entre a alta cúpula nazista. No livro *Hitler et Moi*, de Otto Strasser, ele nos conta essa pequena anedota:

"Estávamos no congresso do partido em Nuremberga, em 1927. Eu era membro do partido há dois anos e meio e encarregado do relatório. Citei algumas frases do *Mein Kampf*, o que provocou uma certa sensação. À noite, eu jantava com alguns camaradas do partido, Feder, Kaufmann, Koch e outros, os quais me perguntaram se eu tinha verdadeiramente lido o livro que nenhum deles parecia conhecer. Confessei ter extraído algumas frases significativas dele sem me ter ocupado de modo algum do texto. Foi a hilaridade geral, de modo que se decidiu que o primeiro a chegar que tivesse lido o *Mein Kampf* pagaria a conta dos outros. Gregor Strasser, interrogado à entrada, respondeu com um não sonoro, Goebbels sacudiu a cabeça acabrunhado, Goering soltou uma grande risota, o conde Reventlov desculpou-se dizendo que tinha falta de tempo. Nenhum, contudo, estava ao corrente da sanção se confessasse conhecer o *Mein Kampf*. Mas ninguém lera o livro do chefe e cada um teve de pagar a sua conta." (STRASSER, p. 68-69)

Contudo, mesmo que os maiores seguidores de Adolf Hitler não fossem exemplos de leitores, o livro era dado pelo povo e pelo próprio governo em casamentos, batizados,

<sup>13</sup> Reportagem disponível em: <https://tinyurl.com/y9l2gvbp>. Último acesso em 21/06/2018, 07:06.

formaturas, nascimentos e ocasiões especiais. Os alemães trataram seu conteúdo, que era ditado pelo Führer e pela propaganda da época, como verdade absoluta - ou assim nos fez crer toda documentação e propaganda da época produzidos pelos nazistas. Talvez seja também porque Hitler fez questão de destruir fisicamente qualquer ameaça ideológica ao seu governo, deixando somente a resistência alemã da época e a memória como defesa contra seus ideais. A arte, a propaganda, a educação, a cultura: tudo era pelo partido, pelo Reich e, sobretudo, pelo Führer.

Não à toa o livro que prega esse ideal, a principal fonte das ideias de Hitler, *Mein Kampf*, foi terminantemente proibido após a segunda guerra. Seus direitos foram dados ao governo bávaro, que os manteve a sete chaves e garantiu que apenas publicaria o livro em circunstâncias especiais. A obra, no entanto, teve fácil acesso por quem quisesse ler - era publicada em outros países e, no crescimento da internet, difundiu-se em escala global.

Por conta do tratado internacional<sup>14</sup> que garante que a obra se torne domínio público após 70 anos da morte do autor, a Convenção de Berna, o livro tornou-se domínio público a 1o de janeiro de 2016, garantindo assim o direito de qualquer editora de reeditá-lo e reimprimí-lo como achasse mais prudente. Algumas instituições, como o Instituto de História Contemporânea - localizado em Munique, na Alemanha -, chamaram para si o trabalho de fazer edições comentadas, feitas com a visão histórica de alguns nomes importantes no estudo da História.

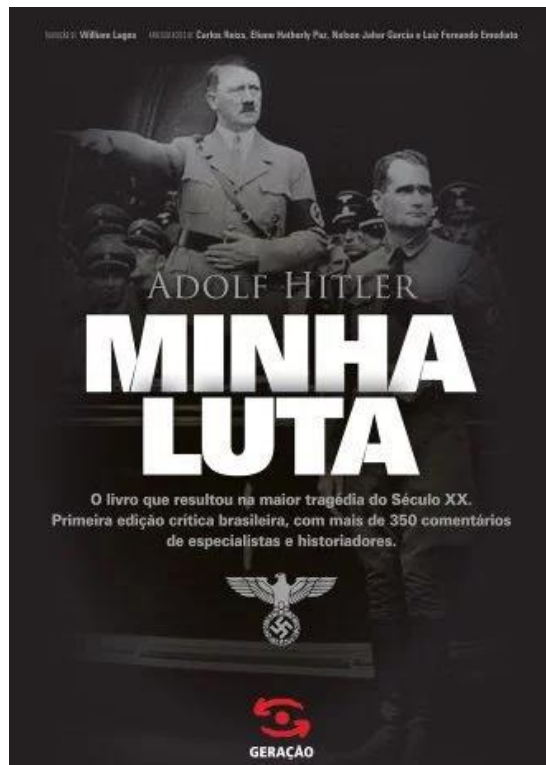
"Hitler, *Mein Kampf*: Eine kritische Edition"\* foi premiada<sup>15</sup> pela Associação Alemã Leibniz. Já outras editoras, essas brasileiras, como a Geração Editorial e a Centauro, sofreram sanções e multas por parte da Justiça do Rio de Janeiro<sup>16</sup>, mas não por parte de outros estados do Brasil - ou porque o processo ainda está em julgamento ou porque o Ministério Público Estadual ainda não impetrou uma medida cautelar. Em alguns estados, no entanto, a medida não existe. Na sentença, fica definido que não se pode vender o livro no estado do Rio de Janeiro sob pena de multas exorbitantes. Em sua sentença, o juiz responsável diz que a “venda de livros que veiculam ideias e ideais nazistas fere gravemente a ordem pública”. A obra, no entanto, foi sucesso de vendas em Belo Horizonte, Minas Gerais. A foto da capa atual do livro pela Geração Editorial está ilustrada abaixo (figura 4):

<sup>14</sup> Reportagem disponível em: <https://tinyurl.com/ybpr6u79>. Último acesso em 21/06/2018, 15:05.

<sup>15</sup> Reportagem disponível em: <https://tinyurl.com/y8vozkmo>. Último acesso em 21/06/2018, 16:35.

<sup>16</sup> Reportagem disponível em: <https://tinyurl.com/y8sk3pp6>. Último acesso em 20/06/2018, 18:49.

Figura 4 – Capa do livro Minha Luta, publicado pela Geração Editorial em 2016.



Fonte: site Geração Editorial

## 4.2 O ÓDIO NAS REDES

A publicação causou um certo furor no Brasil, pelo momento em que ela chegou e pelo conteúdo da obra em si. Pensadores debateram calorosamente sobre o teor da obra num momento em que a extrema direita se levantava numa onda ultra-conservadora não vista há muitas décadas porém cuidadosamente planejada ao longo dos últimos anos. Nas revistas e jornais as notícias sobre a obra foram abundantes, como mostram as figuras 5, 6 e 7:

Figura 5 – Notícia sobre o relançamento do livro Minha Luta

### **Por que a venda de 'Minha Luta', de Hitler, não deve ser proibida**

Decisão do juiz Alberto Salomão Junior, do TJ-RJ, impede em todo o Estado a comercialização, exposição e divulgação da obra do ditador nazista

Fonte: [www.g1.com.br](http://www.g1.com.br)

Figura 6 – Notícia sobre o relançamento do livro Minha Luta

## Relançamento de obra de Hitler pode impulsionar crescimento da extrema direita, diz pesquisadora

Fonte: www.ebc.com.br

Figura 7 – Notícia sobre o relançamento do livro Minha Luta

## Editoras vendem versões clandestinas de livro de Hitler na internet e em bancas de jornais

Fonte: www.r7.com

O que dividia as opiniões dos especialistas era o fato de que proibir a obra, qualquer obra, pode ser qualificado como censura. A censura, segundo o dicionário, é “aprovação ou desaprovação prévia de circulação de informação, visando à proteção dos interesses de um estado ou grupo de poder”<sup>17</sup>. Na teoria não haveria qualquer motivo para um livro fosse impedido de circular, muito embora a republicação de Minha Luta preocupe pesquisadores da área. Na matéria do site EBC<sup>18</sup>, a pesquisadora Adriana Dias diz:

“A Europa vive um cenário de crise econômica e atentados, o que cria um caldeirão na narrativa social muito parecido com o das décadas de 1920 e 1930. O cenário não é bom, o livro é uma caixa de pandora, que abre todas as portas de ódio, com mentiras, que infelizmente são 'compráveis' em tempos de opressão social e econômica”(DIAS, 2016)

Permitir essa obra, especificamente, é correr o risco de relembrar um grande precedente num momento em que o Brasil, especificamente, e também a Europa e o mundo todo passam por uma ascensão da extrema direita onde movimentos contra negros, gays, mulheres e outras minorias ganham, senão força, voz.

Um exemplo de um movimento que ganha força, voz e pior: não é reprimido como deveria pelas autoridades competentes é o movimento que defende a supremacia branca nos

<sup>17</sup> Dicionário Houaiss, 2018.

<sup>18</sup> Reportagem disponível em: <https://tinyurl.com/yaqxhujd>. Último acesso em 20/06/2018, 12:08.

Estados Unidos da América<sup>19</sup>. Embora fora do Brasil, é interessante que, a título de curiosidade, entendamos o que pensam os expoentes desse movimento: eles desejam a supremacia da “raça branca” sobre todas as outras e reclamam o lugar que segundo eles lhes é de direito, ou seja, o lugar de elite política, econômica e intelectual. Muitos são os absurdos proferidos pelo movimento - e nenhum deles é reprimido com a devida força pelo presidente do país, um racista e misógino notório, Donald Trump.

Aqui também há o “‘caldeirão’ da narrativa social” a que se refere a pesquisadora (DIAS, 2008). Com a política assolada pela corrupção, uma das maiores cargas tributárias do mundo sem o mínimo do retorno para a população, problemas sociais gravíssimos como saúde e educação sucateadas, a sociedade brasileira também vive momentos de opressão que poderiam, em maior ou menor escala, resultar numa explosão. Embora no Brasil não haja nenhum movimento específico contra as minorias, há, sim, organizações, movimentos e mesmo partidos políticos/ representantes do povo que diminuem a luta por direitos iguais ou mesmo por necessidades primárias como segurança ou moradia.

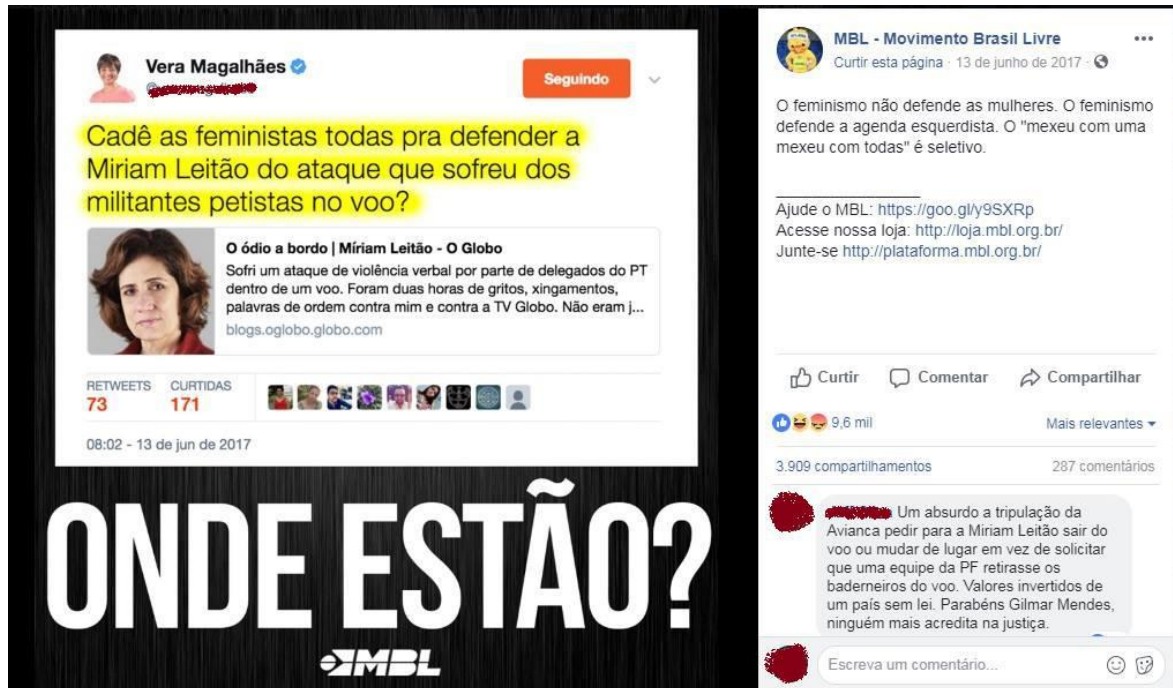
Um desses movimentos, organizado no Brasil e com muita força desde as passeatas de junho de 2013 é o Movimento Brasil Livre - o MBL. Ganhando força e expressão em meio às reivindicações por transporte público gratuito em 2013, que resultaram no que ficou conhecido como as Marchas de Junho, o MBL se beneficiou grandemente de toda mídia gerada ali. Após os pedidos sobre o transporte público terem sido ouvidos, esperava-se que os movimentos se acalmassem e se reuniram com o fim de escolher novas pautas e continuar de modo mais planejado. Não foi o que houve. As passeatas continuaram acontecendo com objetivos cada vez menos claros e de formas cada vez menos compreensíveis. O que começou como um protesto pacífico do povo tornou-se lentamente um movimento elitista.

---

<sup>19</sup> Reportagem disponível em: <https://tinyurl.com/y92km8ku>. Último acesso em 18/06/2018, 11:58.

Após grande exposição à mídia, o MBL cresceu e hoje conta com apoio de doadores para continuar existindo<sup>20</sup>. Todo conteúdo postado em suas redes sociais exalta líderes de extrema direita e condena movimentos historicamente alinhados à esquerda, como o feminismo, por exemplo. Em sua página de Facebook, o MBL incita o ódio de seus seguidores, como na postagem a seguir (figura 8):

Figura 8 – Post do MBL feito em 13/06/2017

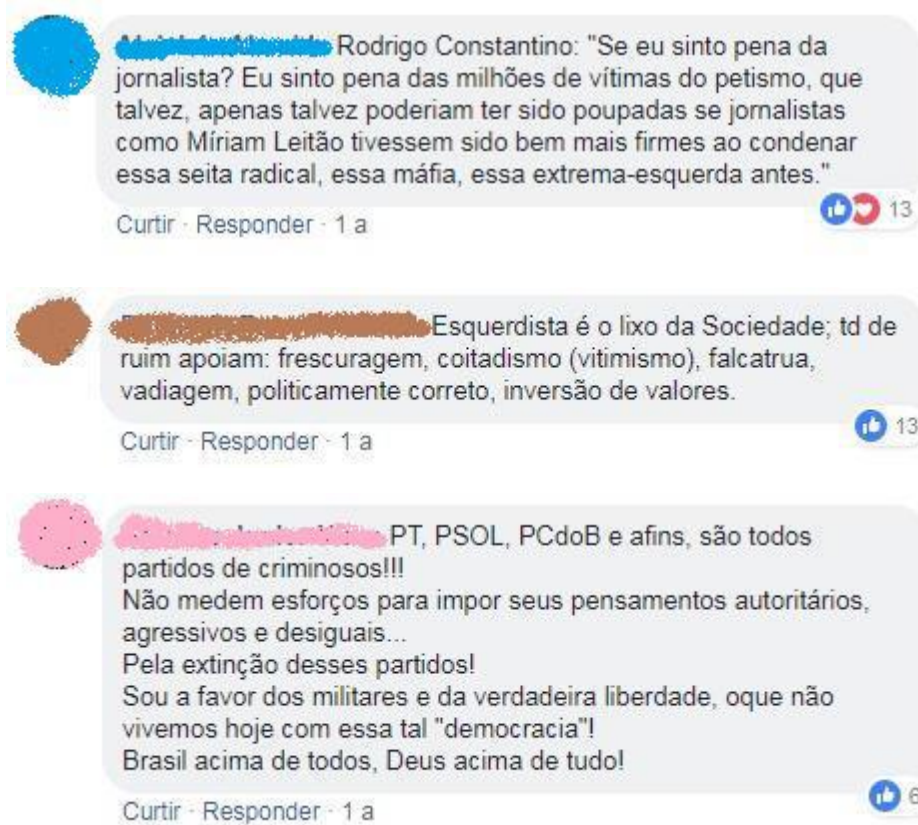


Fonte: Captura de tela realizada pela autora. Link: <https://tinyurl.com/y8g3725a>. Último acesso: 17/06/2018, 06:03

Alguns comentários dessa postagem podem ser vistos a seguir, ilustrados pelas figuras 9, 10 e 11:

<sup>20</sup> Site do MBL, onde é possível realizar doações para a manutenção do partido “livre”: <http://mbl.org.br>

Figuras 9, 10 e 11 – Comentários em post do MBL



Fonte: Capturas de tela realizadas pela autora. Link: <https://tinyurl.com/y8g3725a>. Último acesso: 17/06/2018, 06:03

Como fica claro a partir dos comentários, extraídos de uma única postagem e feitos numa época aproximada, há uma raiva latente nesses cidadãos, que buscam incessantemente voltar a uma sociedade fechada e conservadora que de alguma forma se perdeu nos últimos anos. A “inversão de valores” citada em um dos comentários tem seu sentido absolutamente deturpado se levarmos em consideração que os “valores” de que fala o autor do texto são valores antigos, remetentes a uma época em que minoria alguma tinha voz ou representação.

Eis outro problema da publicação de “Minha Luta” no Brasil: ele pode inspirar grupos conservadores ao ódio, sendo uma representação histórica de suas ideias. Os conservadores acham voz nesse tipo de ideal, nesse tipo de publicação. Há um saudosismo de uma época não muito longínqua, em termos históricos, e pintada pelos representantes políticos e pela mídia consumida por esse tipo de cidadão como intrinsecamente melhor, mais justa e igualitária.



### 4.3 A ONDA CONSERVADORA

A sociedade brasileira não é igualitária nem preza por sua grande diversidade, diferente de toda propaganda divulgada. O racismo foi enraizado por fatores sociológicos, o sexismo existe como mantenedor de uma sociedade regida por homens, o ostracismo de classes tidas como inferiores precisa existir para que, em si, a estrutura social seja conservada.

Os pilares que fazem com que alguns episódios históricos aconteçam não mudam muito ao longo da história: a religião que conforta as massas; a elite que as domina e os veículos de comunicação que as informam e entretêm. Os acontecimentos variam: da execução de parcelas da sociedade consideradas inferiores (gays, ciganos, deficientes); passando pelo extermínio de pessoas negras e chegando ao atual ressurgimento de movimentos que se acreditavam mortos, como manifestações neonazistas em pontos do mundo.

Em "*Mein Kampf*" é dito, tão explícito como se pode ser: "O que as multidões querem é contemplar a vitória do mais forte e a destruição do mais débil" (HITLER, 1983). Assim se explica, de modo simples, que os movimentos ultraconservadores ganhem espaço e voz enquanto as minorias sofrem as consequências do silêncio forçado.

Tratando a multidão que o seguiria como massa de manobra, dono de um carisma insuspeito e de "um poder de oratória sem igual" (JORGE, 2012), não é leviano dizer que Adolf Hitler foi um monstro sedutor. Seu discurso inflamado aparentemente a favor do povo, encabeçado por um propagandista genial e por um séquito de fanáticos, seduziu um povo humilhado e cansado dos dissabores de uma derrota difícil para com os países vizinhos.

Muito se pergunta sobre o que levou o povo alemão a aceitar e exaltar o discurso nazista. Talvez o fascínio diante daquilo que queriam e não podiam ter - sua dignidade perdida após a guerra, melhores condições de vida, o fim da fome e o fim do desemprego são exemplos de motivos. Toda propaganda do partido era clara e vinha escrita no livro de seu Führer, seu líder último. Talvez por não terem, à época, levado a sério o conteúdo de sua obra, Hitler ganhou tanto espaço. Ele foi um messias salvador para um povo necessitado. E, de fato, ele conseguiu melhorar bastante a situação da Alemanha - dados da época dizem da redução da inflação e redução dramática da fome e do desemprego, por exemplo. Ainda assim, entender o que leva um povo a aceitar o extermínio de seus pares é quase incompreensível. Talvez o ódio convença que o outro não é um ser humano, como foi na época da escravidão. Talvez apenas não enxergue que faz parte da mesma realidade, como no caso do Brasil contemporâneo. Talvez não reflita sobre isso.

Guardadas as devidas proporções, é possível se fazer a mesma pergunta hoje em dia, no contexto brasileiro. Desde 2002, quando eleito Luís Inácio "Lula" da Silva o 35º presidente do Brasil pelo partido dos Trabalhadores, aconteceu no país um lento e muito gradual despertar de uma parcela até então silenciosa da sociedade. Não se sabe se silenciosa pois dominante ou pois dormente. Com movimentos políticos pautados em melhorias sociais, programas de assistência, atenção às necessidades do povo, manutenção da estabilidade econômica e a retomada do crescimento do país, uma classe média acostumada com a desigualdade de um país em sua jovem democracia, começou a ver consideráveis mudanças em seu espaço físico e econômico.

Depois de mais de 20 anos de uma ditadura severa para com a liberdade de expressão e arrebatadora para a economia - deixando em seu rastro inflação, dívidas externas e rombos nos cofres públicos disfarçados de um período de "milagre econômico" -, a democracia brasileira renasceu e vive seu natural e esperado período de adaptação. A história recente do nosso país mostra altos e baixos em relação aos representantes: o primeiro presidente após a ditadura militar, Tancredo Neves (Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB)\*, morreu, e o vice, José Sarney (PMDB), assumiu seu cargo e ficou 5 anos no poder; Fernando Collor de Mello (Partido da Reconstrução Nacional - PRN) foi impedido por improbidade administrativa, tendo seu mandato de aproximadamente 3 anos concluído pelo vice, Itamar Franco (PMDB).

Fernando Henrique Cardoso (FHC) (Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB) e Luís Inácio "Lula" da Silva (Partido dos Trabalhadores - PT) terminaram, cada qual, seus dois mandatos. Dilma Rousseff (PT) também foi impedida de terminar seu segundo mandato e seu vice, Michel Temer (PMDB), assumiu a presidência do país de modo definitivo a 31 de agosto de 2016<sup>21</sup>.

#### **4.4 A INSURGÊNCIA DA EXTREMA DIREITA**

Dado este cenário, é possível concluir que a instabilidade política reina no país já há décadas - durante os mandatos de FHC e Lula, no entanto, essa instabilidade se tornou menos nítida, mesmo com a tentativa de impedimento por parte da oposição do presidente Lula, na época pela revelação na imprensa de um grande esquema de corrupção em seu governo.

Em junho de 2013, durante o mandato de Dilma Rousseff, em meio a um aumento no preço das passagens de ônibus nas principais cidades do Brasil, começaram passeatas que

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://tinyurl.com/y7ew2h92>. Último acesso em: 22/06/2018, 03:39

pediam por transporte público gratuito e de qualidade. Outros movimentos pediam apenas a redução no aumento de 20 centavos no preço da passagem. Nos meses seguintes, ainda em 2013, as manifestações de junho ganharam fama e seus movimentos, passeatas, manifestações e pautas fizeram história como as Marchas de Junho. Combatidas pela polícia, as caminhadas do povo brasileiro - com muita raiva devido a recentes escândalos de corrupção que vinham desde o segundo mandato de Lula - pouco a pouco mudaram de forma e, principalmente, de objetivo.

As intenções da manifestação, após normalizados os preços das passagens, tornaram-se cada vez mais turvas, até que após pouco tempo o movimento acabou servindo a uma elite que reprovava as pautas historicamente à esquerda abordadas no governo de Lula e Dilma. Em 2014, os objetivos do protesto já eram outros - certamente muito menos populares, porém ainda pouco claros. Com a organização que pedia transporte livre e de qualidade - ou, pelo menos, sem o aumento supracitado - fora da cena, o Movimento Brasil Livre se consolidou, ganhou corpo e tornou-se ativo, formando as próprias pautas e tomando o controle de uma mentalidade “apartidária”, onde toda tentativa de bandeira foi rechaçada. É interessante destacar, porém, que com o passar dos anos o próprio MBL se consolidou como um partido político, elegendo candidatos.

Entre os gritos ouvidos e divulgados nessa época, pessoas pediam intervenção militar para que se “salvasse o Brasil da corrupção”. De alguma forma os participantes das manifestações estavam irreversivelmente convencidos de que uma entidade salvadora (nesse caso, os militares) era necessária com toda urgência para que suas pautas fossem ouvidas e para que voltassem a confiar nos governantes do país. O que no começo era uma voz que soava distante das outras, que gritavam em uníssono, pouco a pouco foi se tornando cada vez mais misturado ao som da multidão, até que se tornou a única voz presente.

Durante o governo Dilma, mais especificamente entre o fim do seu primeiro mandato e o começo do segundo, com todos os protestos acontecendo e problemas na economia do Brasil, começaram a surgir com voz mais encorpada pedidos de impedimento de seu governo. A justificativa variava. Alguns, uma pequena minoria, é verdade, implicava pelo próprio discurso que, por ser mulher, o governo era menos competente. Outros diziam que ela havia cometido um crime de responsabilidade pelas “pedaladas fiscais”, um modo de maquiar as contas do governo entre um ano e outro, prática comum desde a ditadura militar no Brasil. Foi essa justificativa, aliás, que tornou o impedimento possível. A grande maioria, no entanto, justificava o impedimento baseando-se única e exclusivamente em ódio às propostas e pautas do partido e defendendo uma inversão da lógica. Durante o governo de Lula, principalmente,

e de Dilma, em menor escala, medidas sociais urgentes e necessárias aconteceram, fazendo com que pessoas antes excluídas pudessem ter a chance de uma vida melhor, com mais educação, cultura e poder aquisitivo.

A comunicação, desde o governo FHC, vinha melhorando gradativamente com os avanços tecnológicos e a internet. Com Lula e o aumento do poder aquisitivo para as classes mais baixas, juntamente ao surgimento das redes sociais, a comunicação sofre neste momento uma transformação que possibilita a qualquer um dar sua opinião e criar grupos virtuais onde pode angariar pessoas que tenham o mesmo pensamento.

Dentro desse contexto, um ódio antigo ressurgiu: o ódio aos comunistas. Motivo do medo de elites econômicas e justificativa para que atrocidades tenham acontecido no curso da história humana, esse ódio aparece renovado no Brasil, imbuído de novos preconceitos e armado contra qualquer argumento a favor de um debate saudável. O medo do mal faz com que cidadãos cometam atos que não julgariam bons sob qualquer outro contexto. Desse modo, instigados pelo medo de um socialismo perverso e autoritário, brasileiros gritaram e ainda gritam nos dias de hoje palavras de apoio a regimes que outrora foram autoritários no Brasil.

Esse grupo de pessoas é muito exposta na mídia. Os militares, editados à perfeição para parecerem figuras de autoridade de caráter ilibado e conduta sem desvios, não se pronunciam. Os pedidos de intervenção militar para “salvar” o Brasil vem desde 2013<sup>22</sup>, com períodos mais ou menos inflamados. Que gritem em alto e bom som para que uma democracia se transforme em um regime autoritário também é um ponto de atenção em relação ao livro: há uma caldeira fervente (DIAS, 2008) de emoções políticas nesse momento. Os efeitos da publicação, mesmo que mínimos, podem contribuir negativamente para a construção de uma sociedade melhor.

Aproveitando-se desse velho sentimento contra os “comunistas” exacerbado e bem exposto, grupos de extrema direita aproveitam para alçar ao palanque candidatos que expressem esse ódio, que representem os preconceitos de forma passional, pintando um único inimigo a ser combatido: o sujeito que tem ideais tradicionalmente ligados à esquerda ou qualquer um que não concorde com as ideias conservadoras propostas. A esse inimigo chamam “esquerdista” ou mesmo “comunista”. Como forma de alimentar esse ódio não faltaram falácias e informações invertidas. O próprio nazismo foi colocado em questão: diziam que era um movimento pautado pela esquerda por conta do nome do partido, que tem a palavra “socialista”.

---

<sup>22</sup> Vídeo disponível em: <https://tinyurl.com/ncc92m6> (YOUTUBE, Canal TV FOLHA, 17/03/2015. Último acesso em: 03:43.)

A pressão popular para o impedimento da presidenta Dilma era grandemente vista pela mídia tradicional. Passeatas com essa intenção aconteceram pelo Brasil (algumas encabeçadas pelo MBL) e, no começo do seu segundo mandato, em 2014, os pedidos de impedimento começaram a surgir na câmara. No entanto, não foi até 2 de dezembro de 2015 que o pedido impetrado por Eduardo Cunha, então presidente da câmara dos deputados, foi aceito e teve início. O processo correu e, mesmo com toda defesa a seu favor, o mandato de Dilma Rousseff foi cassado e seu vice, Michel Temer, assumiu a presidência do Brasil a 31 de agosto de 2016.

Em meio a este cenário temos outro bom exemplo do motivo pelo qual a republicação de *Mein Kampf* pode causar efeitos colaterais indesejáveis. Sendo um movimento encabeçado por jovens que falam a todas as idades, o discurso inflamado do MBL e, em menor escala, de outros partidos e movimentos, lembra algo o discurso de Adolf Hitler ao povo alemão. Embora dentro da lei, o discurso incita o ódio e sugere que se altere a ordem pública a fim de que pautas sejam executadas.

Embora nossa constituição diga que existe a liberdade de expressão, ela também alerta para os perigos dos discursos de ódio. Os neonazistas, nome do movimento de quem segue os preceitos do nazismo nos dias de hoje, ainda existem - e, embora a não publicação do livro tenha contribuído, em algum sentido é possível que a obra, que já é vendida clandestinamente em seu texto integral, sem comentários ou críticas, seja uma forte influência para um massacre, por exemplo. Ao mesmo tempo, o livro é um importante instrumento de educação. O diretor do Museu do Holocausto de Curitiba, Carlos Reiss, defende veementemente seu ponto de vista ao afirmar em uma matéria escrita para o blog Conexão Israel<sup>23</sup>, intitulada “*Eu não tenho medo do ‘Mein Kampf’*”:

“O clamor pela censura só se justifica por uma visão limitada de História ou por ódio e rancor. E não se cura ódio com ódio. Se cura com educação, com transmissão de lições morais e éticas. Defender a censura é uma jogada política. Política, equivocada e burra. O fim dos direitos autorais do “*Mein Kampf*”, mais do que a possibilidade de ser publicado, é uma oportunidade para que esse texto seja difundido legalmente, estudado, compreendido e usado na luta contra o Racismo e o Antissemitismo. O historiador Néelson Jahr Garcia disse que o “*Mein Kampf*” foi a melhor obra já escrita contra o próprio Nazismo: “quanto mais se conhecer, maior se tornará o repúdio e aversão” (2016)

A essa fala convém lembrar que, apesar do propósito da educação por meio do documento histórico ser válida e sua intenção nobre, nem todos os leitores encarariam o livro como um modo de aprender, de não esquecer, de fazer o Holocausto e todos os horrores do nazismo presentes para que nunca mais se repitam, como se fosse um “manual do que não

<sup>23</sup> Texto disponível em: <https://tinyurl.com/yb34cgs9>. Último acesso em 13/06/2018, às 03:50.

fazer”. É preciso levar os ultra conservadores e extremistas em consideração, assim como é necessário que se saiba entender o perigo que o livro representa. Aí se encontra um dos dilemas.

Na ética aristotélica temos como premissa básica que o bem é o fim de todas as coisas (ARISTÓTELES, 1989). Ora, sendo o bem o fim de todas as coisas nos resta decidir de qual bem estamos falando. Nos cabendo essa escolha, cabe também a nós a reflexão acerca do que isso representa. Uma vez tomada a decisão a respeito de qual bem vamos tomar como nosso - o bem de educar a população, de lembrar do Holocausto e de entender o livro base do nazismo alemão como um instrumento contrário ao próprio nazismo, pois explicita de maneira irrefutável seus maiores absurdos ou o bem de proibir o livro senão a determinados públicos, por entender que a publicação do livro em qualquer época, mas especialmente nessa época pode causar danos que vão desde um massacre a uma reinvenção de um trágico momento histórico. Uma vez que saibamos bem o caminho a seguir, podemos ir sem medo. Enquanto isso, é preciso olhar para essa questão com mais calma e atenção.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o objetivo de provocar uma reflexão a partir de perguntas que surgiram pela observação simples e questionamento curioso acerca de um tema ético. Aqui só há o espaço de arranhar a superfície de algo muito maior e mais complexo - decidir o que é bom e mal, o que é moral, o que é ética. Entendi que seria necessária uma visão panorâmica da sociedade atual e busquei fazê-lo tanto por meio da visão de dos muitos veículos de comunicação disponíveis quanto por meio de pensadores que não falam sobre uma época: são atemporais, sempre e cada vez mais atuais.

Para além de contar uma história, no primeiro capítulo, busquei que todo texto se encaminhasse numa única conversa. Encontrei muitos paralelos entre as épocas - e isso me abriu os olhos para a infinidade de caminhos que o trabalho ainda pode tomar. Desde estudar o comportamento humano em tempos de crise a entender um pouco mais objetivamente como foi que regimes ditatoriais puderam acontecer - isto é, vendo por mais de um ângulo e levando mais de uma faceta da história em consideração. Pretendo me aprofundar em regimes totalitários numa futura pesquisa de pós-graduação.

Chamou-me muito a atenção como, apesar de tantos exemplos históricos e episódios que envergonham nações inteiras por um período de tempo indeterminado, o ser humano continua repetindo comportamentos indefinidamente - ora, se é comprovado por fonte empírica que determinado modo de agir não trará bons resultados, seria de se esperar que não fosse repetido. Não é o que acontece, no entanto. Isso acontece, em partes, pela incapacidade do homem de pensar e refletir sobre seus erros. Isso, inclusive, nos traz ao conceito de banalidade do mal (ARENDRT, 1999), uma possível resposta à aceitação do povo alemão sobre um regime tão sanguinolento quanto o regime nazista.

Ainda destaco que o problema ético que procurei abordar se desdobra em muitos problemas sociais, sendo quase impossível de ser totalmente explicado de forma uniforme e relevante - este trabalho procura apenas suscitar reflexão sobre o tema, além de apontar alguns fatos e provocar inquietação acerca da própria realidade viva que, apesar de diferente em contexto histórico e guardadas as devidas proporções, tem problemas iguais e pode levar a consequências parecidas.

Neste percurso entendi ainda a imensidão do tema escolhido: o nazismo alemão, acontecendo juntamente ao movimento fascista por toda Europa, foi um acontecimento impressionante, de proporções grotescas e, até hoje, causa espanto e inspira curiosos e pesquisadores a entender este ou aquele tema de forma completa. São muitos os mistérios que

rondam a época e é interessante como ela se estende até hoje - em consequências, conspirações e, às vezes, revelações e novas interpretações. A republicação do livro *Minha Luta* traz aos holofotes, além dos problemas explicitados nesta pesquisa, questões que pareceriam de simples solução e que, a um olhar mais atento, requerem cuidado e calma. São problemas complexos que envolvem diversas áreas de conhecimento das ciências humanas.

Nesta pesquisa entendi ainda que, mais que um problema ético, a republicação de “*Mein Kampf*” trata-se de um dilema moral. Isso porque a republicação pode não gerar nada, mas também pode gerar consequências desagradáveis a outras pessoas. Um dos maiores argumentos favoráveis à republicação deste livro é o fator educacional. O interessante é que os argumentos contrários puxam por esse mesmo viés: é preciso que se eduque, mas não pelo exemplo.

É preciso que as editoras – oficiais, clandestinas ou proibidas - levem em consideração o peso de uma decisão editorial precipitada. Mesmo uma edição comentada pode cair em mãos neonazistas. Por outro lado, é interessante pensar sobre quem toma a responsabilidade por publicações polêmicas, como é o caso de *Mein Kampf*, questão não muito aprofundada por mim nesta monografia.

Existem, até pelo caráter recente do assunto, poucas fontes de pesquisa confiáveis e menos ainda pesquisadores que esmiuçaram o tema da republicação desse livro no Brasil. Compreendo que meu trabalho de conclusão de curso dificilmente lançará alguma resposta ao mundo e que mais dificilmente ainda resolverá alguma coisa. Porém a reflexão é sempre bem vinda e, ao longo do processo de minha pesquisa, entendi que esses assuntos - tanto o Nazismo, para que não se repita, quanto a insurgência de uma direita agressiva - precisam ser discutidos e postos em debate com cada vez mais frequência, para que o que está havendo seja entendido em toda sua complexidade.

Não pretendo aqui dizer o que é certo e o que é errado - a cada um pertence o próprio julgamento. Também não tenho a pretensão de resolver problemas ou convencer o leitor do que quer que seja - no entanto, espero ter contribuído para, ao menos, lançar luz sobre um assunto que entendo necessitar de mais atenção por parte de todos.

Quando tomei a decisão quanto ao tema que finalizaria minha graduação em comunicação social, levei em conta a escolha de minha habilitação, Produção Editorial, para entender como uma decisão editorial tão simples e cotidiana pode afetar o mundo. Algo tão próximo a mim, com tanta relevância e ao mesmo tempo tão corriqueiro como publicar um livro - é interessante pensar como esse tema fala pessoalmente a qualquer amante dos livros.



O ser humano, seja ou não ativo perante a realidade imposta a ele, precisa de quando em quando abrir os olhos a assuntos que, independente da área de conhecimento, o toquem enquanto ser reflexivo. E eis minha maior motivação para a conclusão deste trabalho: refletir, analisar e entender dois lados de uma questão complexa e pouco discutida. É meu objetivo que essa luz seja lançada, sem nenhuma pretensão apocalíptica ou messiânica. O olhar atencioso urge, principalmente nos tempos atuais.

## REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Abril S.A., 1989.

ARISTÓTELES. **A ética - Textos Selecionados**. Bauru, São Paulo: EDIPRO, 2ª edição anotada, 2003..

ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

STRASSER, Otto. **Hitler et Moi**. Paris: Éditions Bernard Grasset, 1940.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 380.

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Editora Moderna, 2005.

JORGE, Fernando. **Hitler, Retrato de uma Tirania**. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

BARANOWSKI, Shelley. **Império Nazista: o imperialismo e o colonialismo alemão de Bismarck a Hitler**. Tradução Fernanda Brito Bincoletto. São Paulo: EDIPRO, 2014.

KERSHAW, Ian. **Hitler**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HITLER, Adolf. **Minha Luta**. São Paulo: Editora Moraes, 1983.

GANDELMAN, Henrique. **O que você precisa saber sobre direitos autorais**. São Paulo: Senac, 2004.

BRAZ, Marcelo. **O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário**. Serv. Soc. Soc. no.128 São Paulo Jan./Apr. 2017. Link disponível em: <<https://tinyurl.com/yaz2alj3>>. Data do último acesso: 20/06/2018, 15:45

AMARAL, Marcio. **"Sobre tempos e história - O paradoxo pós-moderno"**. In: "Pensamento no Brasil - Emmanuel Carneiro Leão". Rio de Janeiro: Ed. Hexis/FBN, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **"Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles, volume 1"**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CAETANO, Tiago. **Mein Kampf e o Ideário Nazista**. Consilium - Revista Eletrônica de Direito, Brasília, n.4, v.1 maio/ago. de 2010. Link disponível em: <<https://tinyurl.com/ydxsc6qu>>. Data do último acesso: 21/06/2018, 19:07

DIAS, Adriana. **Entre inimigos: a construção do "Mal" nos grupos neonazistas**. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA). Porto Seguro, 2008. Link disponível em: <<https://tinyurl.com/ybgvq52o>>. Data do último acesso: 17/06/2018, 19:50

ANDRADE, Marcelo. **“A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas”**. Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal. México, 2009. Link disponível em: <<https://tinyurl.com/yazc3spj>>. Data do último acesso: 22/06/2018, 20:50.

CARVALHO, Carlos Alberto. **“Banalidade do mal em comentários de leitores: internet e disseminação da intolerância”**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v. 19, n.2, maio/ago. 2016.

NODARI, Paulo César. **“A Ética Aristotélica”**. Síntese Nova Fase. v.24, n.78. UFMG, Belo Horizonte, 1997.

CORREIA, Adriano. **“Sobre o trágico na ação: Arendt (e Nietzsche)”**. O que nos faz pensar. Departamento de Filosofia - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. n.29. maio/2011.

SCHMID, Wilhelm. **“Dar forma a nós mesmos: sobre a filosofia da arte de viver em Nietzsche”**. Verve, 12: 44-64, 2007.

VAZ, Paulo. **“O corpo-propriedade”**. 2018.